



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS:
LÍNGUA PORTUGUESA E LÍNGUA FRANCESA**

THIAGO JORGE DA SILVA

**HÁ OU NÃO HÁ:
FUNCIONAMENTO TEXTUAL-INTERATIVO DO VERBO HAVER EM
TEXTOS ACADÊMICOS**

CAMPINA GRANDE - PB

2021

THIAGO JORGE DA SILVA

**HÁ OU NÃO HÁ:
FUNCIONAMENTO TEXTUAL-INTERATIVO DO VERBO HAVER EM TEXTOS
ACADÊMICOS**

**Trabalho de Conclusão Curso apresentado ao
Curso de Licenciatura em Letras: Língua
Portuguesa e Língua Francesa do Centro de
Humanidade da Universidade Federal de
Campina Grande, como requisito parcial para
obtenção do título de Licenciado em Letras:
Língua Portuguesa e Língua Francesa.**

Orientador: Professor Dr. José Herbertt Neves Florêncio.

CAMPINA GRANDE - PB

2021



S586h Silva, Thiago Jorge da.
Há ou não há: funcionamento textual-iterativo do verbo haver em textos acadêmicos. / Thiago Jorge da Silva. - 2021.

70 f.

Orientador: Professor Dr. José Herbertt Neves Florencio.

Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia)- Curso de Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa e Língua Francesa; Centro de Humanidades; Universidade Federal de Campina Grande.

1. Verbo haver. 2. Textualidade. 3. Domínio acadêmico. 4. Predicação. 5. Referenciação. 6. Textos acadêmicos. 7. Semântica. 8. Sintaxe. 9. Funções textuais-iterativas. 10. Lingüística textual. I. Florencio, José Herbertt Neves. II. Título.

CDU: 808.1(043.1)

Elaboração da Ficha Catalográfica:

Johnny Rodrigues Barbosa
Bibliotecário-Documentalista
CRB-15/626

THIAGO JORGE DA SILVA

HÁ OU NÃO HÁ:

**FUNCIONAMENTO TEXTUAL-INTERATIVO DO VERBO HAVER EM TEXTOS
ACADÊMICOS**

**Trabalho de Conclusão Curso apresentado ao
Curso de Licenciatura em Letras: Língua
Portuguesa e Língua Francesa do Centro de
Humanidade da Universidade Federal de
Campina Grande, como requisito parcial para
obtenção do título de Licenciado(a) em
Letras: Língua Portuguesa e Língua
Francesa.**

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. José Herbertt Neves Florencio (Orientador – UAL/UFPG)

Profª. Dra. Maria Angélica de Oliveira (Examinadora interna – UAL/UFPG)

Profª. Dra. Ana Maria Costa de Araujo Lima (Examinadora externa – UFPE)

Trabalho aprovado em: 27 de maio de 2021.

CAMPINA GRANDE - PB

Dedico este trabalho às vítimas desta profunda desigualdade social brasileira, àqueles a quem é negado o direito de acesso a certos tipos de conhecimento, como os produzidos nas universidades públicas.

AGRADECIMENTOS

Ao acaso, essa força invisível que vê ordem, função e propósito no caos e a que nos acostumamos chamar Deus. Muito obrigado!

À minha mãe, Fátima, que nunca desistiu de ver em mim algum resquício de luz, ainda que baça. Ao meu pai, José, que nunca deixou faltar nada. Aos meus avós, Maria e Severino, que estão no céu a sorrir!

À Mônica, minha noiva, felicidade entregue por amor das mãos de algum anjo. E Emerson, meu irmão, tão fundamental. A tantos tios e tias, primos e primas, amigos e amigas que, dispostos, nunca negaram a mão estendida.

Ao meu orientador, professor Herbertt, pelo carisma, paciência e conhecimento que de bom grado partilhou. Aos meus poucos, mas tão caros, amigos da graduação. À UAL, à UFCG, a Campina Grande, à Paraíba e seu povo que me acolheram de tal modo que hoje digo a quem queira ouvir, orgulhosamente, “eu sou paraibano”!

Muito Obrigado!

*No começo era o
verbo. Só depois é que veio o
delírio do verbo.
O delírio do verbo estava no começo, lá
onde a criança diz: Eu escuto a cor dos
passarinhos.
A criança não sabe que escutar não funciona para cor,
mas para
som. Então se a criança muda a função de
um verbo,
ele delira.
E
pois. Em poesia que é voz de poeta, que é voz de fazer
nascimentos –
O verbo tem que pegar delírio.
Manoel de Barros*

RESUMO

Os usos do verbo *haver* foram e continuam sendo objeto de interesse de diversos pesquisadores e gramáticos da língua portuguesa (BECHARA, 2014; FRANCHI *et al.*, 1998; MOIA, 2011; MOURA, 2017; OLIVEIRA, 2017; RAPOSO *et al.*, 2013). Entre tais estudos, esta pesquisa interessa-se, sobretudo, pelos apontamentos de Cunha e Cintra (2017) quanto aos diferentes sentidos desse verbo a partir de seus diferentes empregos sintáticos, além de Castilho (2010), que o classifica, em alguns contextos, como verbo apresentacional. Esses estudos, de um modo geral, quando não abordam o modo como o verbo *haver* vem sendo preterido pelo verbo *ter* no âmbito dos estudos sociolinguísticos, apenas levam em conta aspectos ligados aos seus empregos e sentidos isolados do texto. Procuramos, então, abordar esse fenômeno de linguagem a partir de uma perspectiva diferente, investigando o seu uso em textos autênticos, de modo a propor um novo olhar para esse verbo, que está em pleno processo de gramaticalização. Assim, a presente pesquisa monográfica visa a compreender as funções textual-interativas (NEVES, 2020) do verbo *haver* em textos do domínio acadêmico. Desse modo, procedemos ao exame das formas verbais “*haver*”, “*há*” e “*havia*” nas seções de Resumo, Introdução e Considerações Finais de teses e dissertações desenvolvidas em Programas de Pós-Graduação com nota máxima na área de Humanidades. Esses textos foram selecionados a partir de alguns critérios, como serem atuais e apresentarem alguma ocorrência do verbo *haver* em seus resumos. As ocorrências das formas verbais do verbo *haver* que compõem os textos do nosso *corpus* não foram examinadas de forma isolada, mas na consideração do modo como se comportam a fim de atingir os propósitos comunicativos desses textos. Para tanto, empreendemos nossa análise tendo por base a perspectiva funcionalista da linguística (CASTILHO, 2010; NEVES, 2000; 2011; 2018), que descreve a língua a partir do uso, e a Linguística Textual (CAVALCANTE, 2012; KOCH, 2015; MARCUSCHI, 2012), que toma o texto como unidade básica de análise. Os resultados de nossas reflexões levam a crer que o verbo *haver*, quando na grelha sintática [Vh + SN], atua como verbo-suporte e como modalizador do discurso argumentativo, além de contribuir na construção da rede referencial dos textos ao apresentar ideias e desenvolver tópicos discursivos.

Palavras-chave: Verbo *haver*. Textualidade. Domínio acadêmico. Predicação. Referenciação.

Y-a-t-il ou non? Fonctionnement textuel-intérative du verbe « haver » dans les textes académiques

RÉSUMÉ

Les usages du verbe « haver » (l'équivalent de « il y a ») a été et continue d'être l'objet d'intérêt de plusieurs chercheurs et grammairiens de la langue portugaise (BECHARA, 2014 ; FRANCHI et al., 1998 ; MOIA, 2011 ; MOURA, 2017 ; OLIVEIRA, 2017 ; RAPOSO et al., 2013). Cette recherche s'intéresse principalement à ce que notent Cunha et Cintra (2017) concernant les différentes significations de ce verbe à partir de ses différents arrangements syntaxiques, en plus de Castilho (2010), qui le classe, dans certains contextes, comme un verbe de présentation. Ces études, en général, lorsqu'elles n'abordent pas la manière dont le verbe « haver » a été surmonté par le verbe « ter » (avoir) dans le cadre des études sociolinguistiques, ils ne prennent en compte que des aspects liés à leur usage et des significations isolées du texte. Nous cherchons donc à aborder ce phénomène langagier, sous un autre angle, en interrogeant son utilisation dans des textes réels et authentiques, afin de proposer un nouveau regard sur ce verbe qui est en plein processus de grammaticalisation. Pour cela, cette recherche monographique vise à comprendre les fonctions textuelles-interactives (NEVES, 2020) du verbe « haver » dans les textes du domaine académique. Ainsi, nous avons procédé à l'examen des formes verbales « haver », « há » et « havia » dans les sections Résumé, Introduction et Considérations finales des thèses et mémoires développés dans les programmes de troisième cycle des cours dans le domaine des sciences humaines. Ces textes ont été sélectionnés en fonction de certains critères, tels que le fait d'être à jour et d'avoir une occurrence du verbe dans leurs résumés. Les occurrences des formes verbales du verbe « haver » lesquelles constituent les textes de notre *corpus* n'ont pas été examinées isolément, mais en considérant la manière dont elles se comportent afin d'atteindre les objectifs communicatifs de ces textes. Pour l'atteindre, nous entreprenons notre analyse en nous basant sur la perspective fonctionnaliste de la linguistique (CASTILHO, 2010 ; NEVES, 2000 ; 2011 ; 2018), qui décrit la langue d'usage, et de la linguistique textuelle (CAVALCANTE, 2012 ; KOCH, 2015 ; MARCUSCHI prend le texte comme unité de base de l'analyse. Les résultats de nos réflexions nous amènent à croire que le verbe *haver*, lorsqu'il est dans la grille syntaxique [Vh + SN], agit comme un verbe support et comme un modalisateur du discours argumentatif, en plus de contribuer à la construction du référentiel. réseau de textes en présentant des idées et en développant des sujets discursifs.

Mots clés : Verbe « haver » ; Textualité ; Domaine académique ; Prédication ; Référencement

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Gráfico 1 – Funções do verbo haver em ocorrências de texto acadêmico	46
Quadro 1 – Textos acadêmicos presentes na amostra	21
Quadro 2 – Configurações sintáticas do verbo haver em Cunha e Cintra (2017).....	40

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

GT – Gramática Tradicional

SN – Sintagma Nominal

Vh – Verbo haver

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	13
2	PANORAMA METODOLÓGICO: CONSTRUÇÃO DO PONTO DE VISTA E SEU OBJETO	18
2.1	CARACTERIZAÇÃO DO CORPUS: OS TEXTOS ACADÊMICOS	18
2.2	DESCRIÇÃO DOS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	22
2.3	CATEGORIAS DE ANÁLISE.....	25
2.4	CATEGORIZAÇÃO DA PESQUISA	26
3	DESCRIÇÃO DOS VERBOS EM LÍNGUA PORTUGUESA A PARTIR DE UMA VISÃO FUNCIONALISTA: O CASO DO VERBO HAVER.....	28
3.1	PERSPECTIVA FUNCIONALISTA DA LINGÜÍSTICA.....	28
3.2	FUNCIONAMENTO DOS VERBOS EM LÍNGUA PORTUGUESA	30
3.2.1	Funcionamento sintático.....	31
3.2.2	Funcionamento semântico	33
3.3.2	Funcionamento textual-interativo	34
3.3	CONFIGURAÇÕES SINTÁTICAS DO VERBO HAVER	38
4	FUNÇÕES DO VERBO HAVER EM SEÇÕES DE ABERTURA E FECHAMENTO DE TESES E DISSERTAÇÕES DE CIÊNCIAS HUMANAS.....	45
4.1	ANÁLISE GERAL DO FUNCIONAMENTO DO VERBO HAVER EM TEXTOS ACADÊMICOS	45
4.2	DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO VERBO HAVER A PARTIR DE SUAS FUNÇÕES NO TEXTO ACADÊMICO.....	50
4.2.1	Verbo apresentacional	50
4.2.1.1	Apresentação de ideias centrais do texto.....	51
4.2.1.2	Apresentação de ideias secundárias do texto.....	51
4.2.1.2.1	<i>Apresentação de ideias centrais do parágrafo.....</i>	<i>53</i>
4.2.1.2.2	<i>Antecipação de ideias</i>	<i>53</i>
4.2.1.2.3	<i>Retomada de ideias</i>	<i>55</i>
4.2.1.2.4	<i>Continuidade do tópico discursivo com argumento</i>	<i>57</i>
4.2.1.2.5	<i>Continuidade do tópico discursivo sem argumento.....</i>	<i>59</i>
4.2.2	Verbo locativo ou temporal	62
4.3	SÍNTESE ANALÍTICA	64
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	67
	REFERÊNCIAS.....	70

1 INTRODUÇÃO

A sorte de empregos do verbo haver, da qual suscitam diferentes consequências semânticas, é categorizada e descrita por diversos gramáticos da língua portuguesa. Cunha e Cintra (2017), por exemplo, apresentam cinco empregos formais, ou seja, configurações morfossintáticas desse verbo que implicam, ao menos, onze efeitos semânticos, cujos sentidos vão desde “ter”, “existir” ou “possuir” a “entender-se”, “avir-se”, “necessitar” e ainda outros. Observam também que, quando impessoal, ou seja, quando ocorre em orações sem sujeito, o verbo haver é defectivo, podendo ser conjugado apenas na 3ª pessoa do singular. Quando pessoal, é um verbo extremamente irregular, tendo o seu radical {hav-} alterado. Rocha Lima (2011), por sua vez, classifica-o como verbo auxiliar fundamental, que acompanha verbos simples ou plenos, “a fim de melhor expressarem certos aspectos especiais não traduzíveis” (ROCHA LIMA, 2011, p. 183). Embora sejam gramáticos de orientação mais tradicional, os apontamentos de Rocha Lima e Cunha e Cintra podem vir a corroborar os indicadores de autores funcionalistas quanto a uma possível alteração no estatuto lexical do verbo haver, o que acreditamos ser demonstrável a partir da pesquisa de seu funcionamento sintático, semântico e textual-interativo em textos de real circulação.

Os usos do verbo haver, centro de nossa atenção, são variados e implicam diferentes construções e conteúdos proposicionais. Como todo verbo, ele se configura sintaticamente a partir dos argumentos que seleciona. *Grosso modo*, as ocorrências desse verbo como pleno ou principal lhe conferem os sentidos menos usuais (como “adquirir”, “portar-se”, “julgar”, “ajustar contas” etc.) e, por isso, passíveis de serem encontrados mais recorrentes em registros cultos, sobretudo em textos de natureza literária. Nesses casos, há sempre um agente que adquire algo, que se comporta diante de uma dada situação, julga ou atribui valores e predicados e ajusta contas consigo ou outro alguém. Assim, o estado de coisas possibilitado pela predicação que redonda do verbo haver quando pleno é tão variado quanto os sentidos que denotam.

Os usos mais frequentes, por sua vez, ocorrem em textos orais ou escritos que circulam em ambientes formais, estando o verbo haver como impessoal no sentido de “existir” ou “ter”. Nesse último caso, os usos dos verbos ter e haver disputam preferência na medida em que, perdendo os traços semânticos que os caracterizam como itens lexicais dotados de um certo poder de predicação, ganham contornos e funções mais gramaticais. Isso ocorre quando se configuram como modalizadores de um núcleo verbal, em posição de auxiliar seguido de participípio, como em *Aqueles jogadores haviam jogado poucos minutos*

juntos ou *Não fossem as notícias falsas, todos teriam votado no candidato apropriado*. Tais usos guardam suas peculiaridades semânticas e pragmáticas no que diz respeito ao modo como se configuram sintaticamente, dadas as interferências dos sujeitos envolvidos, dos propósitos que almejam alcançar e do ambiente em que circulam. Esses usos são resultado do modo como esse verbo se acomoda nos textos em que toma corpo.

Para melhor compreender o fenômeno linguístico que nos interessa esmiuçar, buscamos, a partir de estudos gramaticais, tecer algumas importantes considerações sobre o que se vem concebendo a respeito do verbo *haver*. A ocorrência desse verbo com o sentido de existir em orações unimembres ditas sem sujeito é a mais comum. Isso porque vem sendo preterido pelos usuários do português brasileiro por outros verbos de mesmo valor, ficando restrito, quando não ao sentido de existir, à função de auxiliar de um verbo nuclear, o que pode indicar um processo de gramaticalização escalar em curso (verbo pleno > verbo funcional > verbo auxiliar) (CASTILHO, 2010). A sinonímia entre os verbos *haver* e *existir*, bem como a substituição do verbo *haver* pelo verbo *ter* constituem matéria para reflexões de diferentes naturezas, sobretudo no que diz respeito à variação e ao uso. Entre os verbos *haver* e *existir*, notam alguns autores, como Bechara (2014), que, embora os efeitos de sentido se assemelhem, o emprego de *haver* no plural constitui “prática de linguagem que nos cumpre evitar cuidadosamente” (BECHARA, 2014, p. 42). Em seguida, sobre o verbo *ter* substituindo o verbo *haver*, o mesmo autor apresenta razões de ordem descritiva no que diz respeito a uma “progressiva vitória do verbo *ter* sobre o verbo *haver* em uma série de enunciados em que ambos lutaram pela sobrevivência” (BECHARA, 2014, p. 42). Bagno (2013, p. 36), por outro lado, apresenta a ocorrência da forma “há” em enunciados que relatam eventos passados, embora esteja conjugado no presente do indicativo, como um fenômeno já característico do “vernáculo geral do português brasileiro”.

De modo geral, todas essas pesquisas se voltam para questões ligadas à morfologia ou à variação. Interessam-se, na maioria das vezes, por examinar os empregos do verbo *haver* e a sua importância lexical quando constroem locução verbal, para saber se são plenos ou auxiliares. No âmbito da variação, esses estudos mostram as preferências de uso, em dadas localidades, quando da disputa do verbo *haver* com o verbo *ter*. Esse quadro de enfoques teóricos nos leva a considerar que faltam estudos que proponham uma visão mais textual ou discursiva desse verbo em textos autênticos e atuais.

Outros autores, ainda, descrevem o emprego e a ocorrência desses verbos a partir dos usos em textos orais e escritos. Castilho (2010) atribui aos verbos *ter* e *haver*, quando no sentido de existir, a funcionalidade de inserir tópicos discursivos e de apresentar objetos ao

evidenciar seu argumento em estruturas monoargumentais, classificando-os como apresentacionais. Raposo *et al.* (2013) apresentam-no como semiauxiliar porque ele compõe o sentido de um verbo nuclear apresentando aspectos semânticos que dizem respeito a uma dimensão temporal, uma “futuridade em relação ao momento da enunciação” ou a uma circunstância modal de “necessidade ou obrigação” (RAPOSO *et al.*, 2013, p. 227).

Estudos variacionistas apontam que o verbo *ter* predomina diante de *haver*, embora se distingam diferenças aspectuais e de sentido nos usos desses verbos (OLIVEIRA, 2017). Costa (2018), para além das ocorrências, detectou, em pesquisa exploratória e analítica sobre os verbos *existir*, *ter* e *haver*, que, enquanto os dois primeiros tomam novos sentidos a depender dos contextos em que os usuários os empregam, o verbo *haver*, por sua vez, permanece preso aos sentidos que lhes são descritos pela Gramática Tradicional (GT). Moura (2017), no entanto, alega que, em geral, a GT contempla apenas as categorias lexical e auxiliar do verbo *haver* e, partir daí, propõe, instrumentalmente, a categoria *verbo suporte*, nas ocorrências em que *haver* sustenta ou se liga a um sintagma nominal, na construção [verbo *haver* + sintagma nominal].

Desse modo, considerando a pertinência e os conhecimentos produzidos por pesquisas recentes e por outras heranças teóricas, partimos do diagnóstico de que tal verbo se caracteriza por uma irregularidade, tanto formal quanto semântica, que nos coube buscar compreender. É por causa dessa natureza volátil e desses indícios quanto a mudanças na sua frequência de uso (vem sendo preterido pelo verbo *ter* na disputa em ambientes informais, o que indica um suposto processo de gramaticalização em curso) que exploramos as ocorrências desses verbos em textos de alto grau de monitoramento. Selecionamos, para tanto, a partir da exploração de teses e dissertações, o domínio acadêmico, cujas práticas escritas requerem argumentação elaborada e em conformidade com a modalidade escrita de referência, além de ser o domínio responsável pela divulgação do conhecimento e dos resultados de trabalhos de pesquisa. Ao considerar o texto como unidade básica de análise, bem como os interlocutores e os propósitos comunicativos que fazem relacionar, além de outros fatores pragmáticos, buscamos uma compreensão textual-interativa (NEVES, 2020) desse verbo.

Assim, esta monografia foi orientada de modo a buscar soluções para a seguinte problemática: *qual é o funcionamento textual-interativo do verbo haver, a partir de sua principal configuração sintática, em textos acadêmicos?*

Diante dessa questão, o desenvolvimento da presente pesquisa foi orientado de acordo com o seguinte objetivo geral: *compreender o funcionamento textual-interativo do verbo haver em textos acadêmicos*. Para isso, listamos os seguintes objetivos específicos:

- a) identificar as configurações sintáticas do verbo haver em suas ocorrências nos textos acadêmicos selecionados;
- b) analisar os valores semântico-pragmáticos das formas do verbo haver em textos acadêmicos; e
- c) relacionar a sintaxe, semântica e pragmática do verbo haver com a construção textual-interativa de textos acadêmicos.

Acreditamos que esta pesquisa se justifica na medida em que nos oferece possibilidades de não só compreender o funcionamento textual-interativo do verbo haver, mas também desvelar pistas quanto à mudança em curso de seu estatuto lexical. Além disso, o exame de seu funcionamento em textos cuja circulação se situa em ambientes de alto grau de formalidade, no caso, o ambiente acadêmico, pode vir a configurar e organizar uma nova perspectiva no que diz respeito aos efeitos de seus desdobramentos discursivos. Dito de outro modo, estabeleceremos um novo olhar discursivo para os usos do verbo haver. Isso porque, embora tenhamos nos centrado na incidência desse verbo, ou seja, na construção sintática que dele decorre, nossa intenção é compreender o funcionamento textual-interativo (NEVES, 2020) de um dado fenômeno de linguagem.

Para nossa análise, não entendemos o texto como mera sucessão de orações simples ou complexas, mas como a unidade básica de informação que, efetivada pelas formas e funções dos elementos que a constituem, atende a uma demanda social de comunicação e, logo, de interação. A partir disso, tomaremos a descrição linguística de base funcionalista para que se revelem as funções textual-interativas do verbo haver em textos do domínio acadêmico. Isso equivale a compreender como o emprego desses verbos se relaciona com os constituintes que lhes servem de satélite na oração e o modo como, a partir de seus diferentes arranjos morfológicos e sintáticos, contribuem para o estabelecimento da textualização exigida pelos propósitos dos textos que circulam nesse domínio. Afinal, como salientado por Halliday (1985), texto e sistema são, juntos, o objeto da linguística.

A perspectiva teórica na qual se inscreve a presente pesquisa é o funcionalismo linguístico (NEVES, 2000; 2011; 2018; CASTILHO, 2010). Investigar a língua em uso é tomar como pressuposto que a linguagem se faz na interação entre os usuários; é refletir com base em dados, e não a partir de moldes pré-fabricados alheios ao próprio funcionamento da linguagem no que diz respeito aos seus usos situados; é ressaltar a função que a forma linguística desempenha na interação comunicativa. Por isso, tomamos o texto como unidade básica de análise a partir da utilização de conceitos oriundos também da Linguística Textual (KOCH, 2015; MARCUSCHI, 2012; CAVALCANTE, 2012). Desse modo, a concepção de

língua que subjaz esta pesquisa é a que a vê como meio de interação humana, em que os sujeitos põem em prática as mais diversas relações sociais (GERALDI, 2006).

De maneira geral, esta pesquisa monográfica é constituída de cinco capítulos. Neste capítulo de introdução, apresentamos o problema de pesquisa e os objetivos deste trabalho. No segundo capítulo, traçamos o percurso metodológico a partir da descrição do *corpus* e da classificação da pesquisa. No terceiro capítulo, tratamos das bases teóricas que a fundamentam e tecemos algumas considerações sobre alguns estudos que tomaram o verbo haver como objeto de investigação. No quarto capítulo, procedemos à análise das funções textual-interativas do verbo haver a partir das ocorrências desse fenômeno de linguagem encontradas nas teses e dissertações que compõem o nosso *corpus*. Por fim, no quinto capítulo, tecemos as considerações finais sobre o que foi possível concluir a partir de nossas reflexões analíticas.

2 PANORAMA METODOLÓGICO: CONSTRUÇÃO DO PONTO DE VISTA E SEU OBJETO

Nesta seção, explicaremos o caminho metodológico traçado para a construção da presente pesquisa. O detalhamento das etapas que a constituem pode esclarecer não só os objetivos almejados, mas também a natureza dos textos que formam nosso *corpus*.

Primeiro, caracterizamos os textos que o compõem e descrevemos as etapas e processos a partir dos quais este trabalho foi desenvolvido. Por fim, tecemos algumas considerações sobre as categorias textual-interativas de que nos valem ao examinar as ocorrências e configurações sintáticas do verbo haver e procedemos à classificação da pesquisa a partir de suas características metodológicas.

2.1 CARACTERIZAÇÃO DO *CORPUS*: OS TEXTOS ACADÊMICOS

Considerando o tema e o problema desta pesquisa, procederemos à etapa de descrição do *corpus*, constituído de dissertações de mestrado e teses de doutorado, textos próprios do domínio acadêmico, em que circulam gêneros a partir dos quais se busca a produção e reprodução/ divulgação do conhecimento produzido pelas comunidades científicas (BRASILEIRO, 2021). Tomamos como gêneros de textos as formas mais ou menos estáveis de enunciados que possibilitam as relações entre os indivíduos, bem como a sua ação no mundo (BAKHTIN, 1997), ou como artefatos simbólicos a partir dos quais os sujeitos agem, por meio da linguagem, nas mais diversas atividades sociais (MACHADO; CRISTÓVÃO, 2006; SCHNEWLY, 1994). Quanto às dissertações e teses, Hill, Soppelsa e West (1982), propuseram-lhes o modelo de estrutura IMRD (Introdução, Metodologia, Resultados e Discussões), semelhante à do artigo científico. Ambas carregam a marca da objetividade e do alto grau de monitoramento linguístico, pois circulam em meios cujas práticas sociais dos interlocutores, relacionados que estão nas mais diversas áreas da comunidade acadêmica, são altamente formais.

Mais precisamente, na dissertação, promove-se a discussão de um tema determinado a partir de diferentes autores, os quais tenham constituído, por meio de perspectivas distintas, uma literatura especializada (MUNIZ-OLIVEIRA; BARRICHELLI, 2009). A dissertação de mestrado, portanto, busca propor novas perspectivas alternativas àquelas já sagradas cientificamente e, portanto, aceitas como conhecimento acumulado de uma dada área

do conhecimento. Almeida (2006, p. 2), no entanto, adverte que o objeto de trabalho de uma pesquisa dissertativa deve cobrir

[...] temas não corriqueiros, ou seja, que ele apresente algum esforço próprio do mestrando em abordar seu objeto com alguma elaboração diferente daquela que existe na literatura da área. Não é necessário que o tratamento dado nas fases de pesquisa e de redação da monografia dissertativa ou que o objeto mesmo sejam totalmente originais ou inéditos, mas a dissertação tampouco pode ser uma compilação dos ‘text-books’ ou dos livros mais conhecidos existentes na área.

Por esse direcionamento de elaborar ideias, as sequências textuais, dado o caráter pragmático da proposição de um ponto de vista ulterior ao do compilado teórico consagrado, têm caráter predominantemente argumentativo, ainda intercalado pelo descritivo e pelo explicativo (MUNIZ-OLIVEIRA; BARRICHELLI, 2009). O necessário à dissertação, então, é a propositura de um fato novo.

Pouco muda no que diz respeito à tese. Há um texto e uma pesquisa mais robustos nos quais o problema de pesquisa é tratado de modo mais abrangente e mais preocupado com as futuras pesquisas que abordarão o mesmo tema. Araújo (2006), ao examinar conclusões de teses, verificou um padrão discursivo que faz convergir as seguintes unidades retóricas: retomada do tópico, objetivos e questões de pesquisa/hipóteses, sumarização das principais conclusões, avaliação dos resultados e das dificuldades de estudo e discussão das implicações e apresentação de sugestões para pesquisas futuras. Nesse sentido, tanto a tese quanto a dissertação requerem estudo original, além de amparo para as pesquisas que advirão no mesmo âmbito de conhecimento. De modo geral, Brasileiro (2021, p. 253, grifos nossos) define tese como

[...] um trabalho científico original que apresenta uma reflexão aprofundada sobre um tema específico, cujo resultado constitui uma contribuição valiosa e única para o conhecimento da matéria tratada. Do grego *thésis*, “ato de pôr”, é a defesa de um **argumento** que se espera ser **objeto de refutação**.

Depreendemos, dessa forma, que a tese não pode prescindir, assim com a dissertação, de um caráter argumentativo, que se dilui no fio do texto, na tentativa de ampliar conceitos e acumular os conhecimentos científicos de uma dada área. Esse caráter, de natureza interacional, será considerado quando da análise dos dados.

Em linhas gerais, a diferença entre dissertação e tese é “de natureza formal e de conteúdo” (BRASILEIRO, 2021, p. 257), sendo a tese mais ampla e vigorosa e com maior nível de exigência e rigor na elaboração da investigação.

Para além de serem gêneros pouco explorados (ARAÚJO, 2006), os textos do domínio acadêmico, vale destacar, presam por objetividade, clareza, mediação pragmática dos diferentes tipos de discurso (ora argumentativo, ora expositivo ou descritivo) e proficiência da modalidade de referência da língua portuguesa por parte dos interlocutores. Uma vez que desejamos trabalhar com a modalidade escrita formal da língua, justifica-se, assim, nossa opção pelo exame do funcionamento textual-interativo do verbo haver em textos dessa natureza.

Desse modo, integram o *corpus* desta pesquisa 4 (quatro) dissertações de mestrado da área das Ciências Humanas, sendo 1 (uma) de Filosofia, 1 (uma) de História e 2 (duas) de Sociologia, e 4 (quatro) teses de doutorado, sendo 1 (uma) de Filosofia, 1 (uma) de História e 2 (duas) de Geografia.

Os critérios adotados para a seleção inicial das amostras foram: (i) a seleção de trabalhos nas áreas de Filosofia, Sociologia, História e Geografia porque são cursos presentes na grade de disciplinas da Educação Básica brasileira; (ii) a seleção de trabalhos pertencentes a Programas de Pós-Graduação nível 7 por serem programas que atendem mais adequadamente a todo o rigor dos critérios científicos nacionais; e (iii) a atualidade dos trabalhos (terem sido produzidos nos últimos cinco anos) porque são os textos mais atuais que podem nos fornecer as pistas do estado atual da língua.

Para cada um dos 8 (oito) textos do conjunto definitivo do *corpus*, atribuímos um código com as indicações do gênero (D para dissertação e T para tese) e da área (F para Filosofia, G para Geografia, H para História e S para Sociologia). Diferenciamos com o sinal “linha” as duas dissertações de Sociologia (D e D’) e as duas teses de Geografia (T e T’). O Quadro 1 ilustra a composição do *corpus* selecionado:

Quadro 1 – Textos acadêmicos presentes na amostra

CÓDIGO	TÍTULO/ AUTOR	PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
D-F	A definição de justiça na República de Platão - Ana Beatriz Barbosa de Carvalho e Silva (2019)	Programa de Pós-Graduação em Filosofia (USP)
T-F	Metafísica e Ciência: a analogia da vontade entre o micro e o macrocosmo - Jorge Luís Palicier do Prado (2018)	Programa de Pós-Graduação em Filosofia (USP)
D-S	A formação profissionais de policiais da polícia judiciária: estudo dos currículos da Academia da	Programa de Pós-Graduação em Segurança
	Polícia Civil do Rio Grande do Sul - Belchior Paim Larini (2020)	Cidadã (UFRS)
D'-S	A "Nostalgia da Ditadura" e as eleições de 2018 no Brasil: uma proposta de explicação - Marielli Prestes Bitencourt (2020)	Programa de Pós-Graduação em Ciência Política (UFRS)
D-H	A obra e o engajamento de Diamela Eltit: arte marginal e resistência política no Chile (1979-1989) - Isadora Bolina Moneteiro Vivacqua (2019)	Programa de Pós-Graduação em História (UFMG)
T-H	"Com temerária ousadia e pouco temor de Deus e da justiça": clérigos sodomistas na Inquisição de Lisboa (1610-1699) - Veronica de Jesus Gomes (2019)	Programa de Pós-Graduação em História (UFF)
T-G	Estruturação urbana e espaços comerciais em Cuzco - Peru - Rita de Cássia Gregório de Andrade (2018)	Programa de Pós-Graduação em Geografia (Unesp)
T'-G	A expansão do setor sucroenergético no Oeste do Estado de São Paulo e os impactos para a agricultura familiar no Pontal do Paranapanema e no Extremo Noroeste Paulista - Flávio de Arruda Saron (2018)	Programa de Pós-Graduação em Geografia (Unesp)

Fonte: o Autor (2021)

O Quadro 1 apresenta os títulos e autores das teses e dissertações que compõem o nosso *corpus*. Do curso de Filosofia, há uma dissertação que desenvolve uma discussão a respeito da noção de justiça no livro *A República*, de Platão, e uma tese que apresenta um debate sobre o modo como noções metafísicas são hoje abordadas pelo fazer científico. Do curso de Sociologia, há duas dissertações, uma que discute a formação de policiais judiciários

a partir da consulta a documentos da Academia de Polícia do Rio Grande do Sul, e outra que procura compreender como as memórias da Ditadura Militar foram tão presentes no Brasil durante o período eleitoral em 2018, a ponto de se configurarem como nostálgicas. Do curso de História, há uma dissertação sobre os modos de resistência da artista Diamela Elit, durante o período ditatorial chileno, a partir de sua obra e de outros documentos datados do período 1979-1989. Há ainda uma tese que faz uma análise dos termos que confessam os desejos sexuais latentes de clérigos durante a Inquisição em Lisboa a partir de cartas-confissões, dicionários e enciclopédias da época (1610-1699). Por fim, do curso de Geografia, há duas teses, uma que documenta e descreve os efeitos dos processos de urbanização e crescimento de espaços comerciais na cidade de Cuzco, no Chile, e outra que busca demonstrar as consequências ocasionadas pela expansão do setor sucroenergético no Oeste e Noroeste do Estado de São Paulo para a agricultura familiar.

2.2 DESCRIÇÃO DOS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O ponto de partida para a investigação foi a classificação das possibilidades formais de empregos do verbo *haver* realizada por Cunha e Cintra (2017). O foco da análise partiu das realizações semânticas advindas desses empregos que, segundo os mesmos autores, implicam, ao menos, onze efeitos de sentido. Verificamos que, entre esses empregos formais listados pelos gramáticos, ganha destaque a posição ocupada pelo verbo *haver*, ou seja, se núcleo do predicado, na posição de verbo principal, ou se externo ao núcleo, na posição de auxiliar. Optamos, então, por realizar o exame desses empregos formais a partir de uma análise linguística para a qual convergissem os níveis sintático, semântico, pragmático e textual-interativo, ou seja, uma análise integrada a partir dos usos desse verbo (NEVES, 2000; 2011; CASTILHO, 2016; AZEREDO, 2009; PERINI, 2005).

A gramática de Cunha e Cintra (2017), diferentemente de nossa proposta, toma por base textos literários de língua portuguesa, sejam eles brasileiros ou não. Nossa opção foi observar o funcionamento textual-interativo do verbo *haver* em outros textos com alto grau de monitoramento linguístico, as teses e dissertações do domínio acadêmico. Essa escolha sustenta-se nas observações já explicadas na seção anterior de que o texto acadêmico tem por propósito a apresentação do desenvolvimento de novas perspectivas sobre os mais diversos objetos de conhecimento produzidos na esfera científica.

Inicialmente, optamos pela exploração de ocorrências do verbo *haver* em resumos

acadêmicos de dissertações e teses dos Programas de Pós-Graduação mencionados. A opção preliminar pelo gênero resumo acadêmico partiu da suspeita de que, por conta da funcionalidade deste gênero, a de apresentar objetos de conhecimento desenvolvidos após pesquisa, nele fosse possível observar grande incidência do nosso objeto de investigação. A suspeita foi instigada por Castilho (2016), que descreve como uma das implicações de sentido advindas do uso do verbo *haver* a funcionalidade ou valor semântico de apresentar objetos ou inserir tópicos discursivos. Assim o fizemos a fim de evidenciar e contar as ocorrências do fenômeno de linguagem em observação a partir de certos aspectos linguísticos formais, a saber: o infinitivo (*haver*) e as conjugações modo-temporais de presente e pretérito imperfeito do indicativo singular do verbo *haver*, na terceira pessoa gramatical (*há* e *havia*). No entanto, vimos que havia pouco material linguístico após a contagem por meio do mecanismo “localizar” da plataforma digital *Adobe Acrobat Reader*. Foram 07 (sete) ocorrências dessas formas verbais. Desse modo, decidimos ampliar o escopo de exploração para, além dos resumos, as seções de Introdução e Considerações Finais das mesmas teses e dissertações. Isso nos possibilitou coletar, por meio do mesmo mecanismo de contagem, uma quantidade considerável de ocorrências.

Ainda como recorte metodológico para os limites de uma monografia, coletamos as incidências das formas *haver*, *há* e *havia* nas seções de resumo (R), introdução (I) e considerações finais/ conclusão (C) dos textos selecionados, conforme indicado na Tabela 1, a seguir.

Tabela 1 – Ocorrência das formas verbais selecionadas

CÓDIGO	OCORRÊNCIAS DAS FORMAS VERBAIS								
	HAVER			HÁ			HAVIA		
	R	I	C	R	I	C	R	I	C
D-F	1			1	6				1
T-F		2	1	1	2	1			
D-S				1	1				
D'-S					2				
D-H				1	2				
T-H					1	3		1	2
T-G				1	9	1		1	
T'-G				1	3	10			
Subtotal	4			47			5		
TOTAL	56								

Fonte: o Autor (2021)

A Tabela 1 apresenta o total de ocorrências das formas verbais que constituem nosso *corpus*. Como é possível observar, houve 4 (quatro) ocorrências de ‘*haver*’, 47 (quarenta e sete) de ‘*há*’ e 5 (cinco) de ‘*havia*’, totalizando assim 55 (cinquenta e seis) ocorrências. São esses os dados que serão examinados e descritos em nosso capítulo de análise, de modo a podermos lhes depreender o funcionamento textual-interativo. Nota-se que a forma verbal ‘*há*’ ocorre numa proporção muito maior que as outras, as quais foram mantidas para que pudéssemos trabalhar com uma amostra mais variada e, assim, ter um panorama mais completo do fenômeno de linguagem observado.

Feita a catalogação inicial dos dados, realizamos a pré-análise, cujo intuito foi encontrar os padrões sintáticos do verbo *haver* para, em seguida, formular as categorias de análise. Assim, separamos inicialmente as ocorrências a partir de suas configurações sintáticas. Em seguida, analisamos, com uma descrição preliminar dos dados, o modo como tais configurações contribuíam para o estabelecimento da textualidade nas teses e

dissertações. Constatamos que o maior número de incidência do verbo haver se dava a partir da configuração de um mesmo ambiente sintático em que esse verbo antecede um sintagma nominal, construindo a grelha sintática [Vh + SN], em que Vh representa o verbo haver e SN indica um sintagma nominal. Dessa estruturação, foi possível examinar, categorizar e explicar o modo como o verbo haver, do ponto de vista de suas funções nos textos, organiza os tópicos discursivos (CASTILHO, 2016).

Após esses procedimentos, organizamos e propomos as categorias das funções do verbo haver, a partir da sua dimensão textual-interativa, no modo como ele apresenta ideias centrais e secundárias, as retoma ou as desdobra em tópicos discursivos – função a que chamamos apresentacional –, localiza informações no interior do texto (localização espacial) ou denota tempo transcorrido (localização temporal) – ao que propomos chamar função locativa/temporal.

2.3 CATEGORIAS DE ANÁLISE

Após as etapas de coleta, catalogação e pré-análise, formulamos categorias que expressam as funções textual-interativas do verbo haver na estrutura [Vh + SN] nos textos de resumo e nas seções de introdução e considerações finais das teses e dissertações que constituem nosso *corpus*.

Tais categorias não visam tão somente à estrutura linguística. Tomamos parte na análise, também, de aspectos ligados à situação de interação dos textos para explicar alguns dos fenômenos linguísticos que ali ocorrem. Neves (2020, p. 89), em quem nos baseamos para esse entendimento, aponta que a importância de se considerar o caráter interativo dos textos está na própria análise da textualidade, pois

[...] recorre-se a elementos da interação verbal, como o tema, o contexto ou o perfil dos interlocutores. O entendimento, por exemplo, da seleção lexical de um texto só é alcançado com mais propriedade se compreendermos como os itens lexicais funcionam na situação de interação com as possíveis intenções dos interlocutores e a partir de sentidos preestabelecidos socialmente.

Assim, tratamos os textos como objetos em processamento e ancoramos nossa análise, também, no modo como estão imersos numa dada atividade social, ou seja, a produção de conhecimento na academia, donde se dá a construção e (re)produção/ divulgação do conhecimento científico. Devemos acrescentar que, ainda nessa visão analítica, nós também somos autorizados, enquanto pesquisadores, a elaborar uma interpretação para esses dados.

Após cumprirmos as etapas de coleta, observação e pré-análise, distribuimos os dados em categorias que pudessem ilustrar o funcionamento textual das ocorrências do verbo haver de que dispomos. São duas categorias maiores, a de verbo apresentacional e a de verbo locativo/temporal. A primeira se subdivide em duas outras categorias: a dos verbos que apresentam ideias centrais e a dos que apresentam ideias secundárias do texto. Esta última, ainda, divide-se nas seguintes subcategorias: apresentação de ideia central do parágrafo, antecipação de ideias, retomada de ideias e continuidade do tópico discursivo. A categoria de verbo locativo/temporal não apresenta subcategorias.

Portanto, as categorias propostas na análise resultam da descrição linguística dos arranjos sintáticos [Vh + SN], da revelação das funções que tais arranjos acionam no desenvolvimento lógico-discursivo do texto e da consideração de que textos do domínio acadêmico têm dadas particularidades de natureza interacional, ou seja, aquilo que faz deles artefatos sociais, peças que engendram relações entre indivíduos no interior de uma situação de comunicação.

2.4 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

Realizamos, nesta seção, a caracterização metodológica de nossa pesquisa, baseados principalmente em propostas de classificação encontradas em Paiva (2019) e Mascarenhas (2018). Em linhas gerais, nossa pesquisa é indutiva, quali-quantitativa, interpretativa, descritiva, empírica, básica e documental.

Nossa base lógica de investigação é a indutiva (PAIVA, 2019; MASCARENHAS, 2018), tendo em vista que partiremos do exame do mais localizado, nossas ocorrências específicas do verbo haver para, daí, procedermos a generalizações analíticas sobre o funcionamento textual-interativo do verbo haver em textos do domínio acadêmico.

No que diz respeito à abordagem do problema, a pesquisa se mostra como quali-quantitativa (ou mista), pois descreve de maneira mais aprofundada o comportamento de um dado fenômeno e também quantifica a coleta das amostras (MASCARENHAS, 2018). Buscamos manusear os dados de modo a ordená-los e interpretá-los, contando os tipos de ocorrência do fenômeno observado e estratificando-os em categorias linguísticas (as formas do verbo haver). Caracteriza-se também como interpretativa, o que, segundo Motta-Roth e Hendges (2010, p. 113), é o atributo da pesquisa que testa “uma relação postulada [...] em comparação à realidade”. Do mesmo modo, nossa pesquisa parte de fundamentos de descrição linguística, com base no uso, para uma compreensão textual-interativa do verbo haver.

Segundo Mascarenhas (2018) e Bil (2002), uma pesquisa cujo objetivo geral é a descrição de um dado fenômeno e a sua relação com variáveis possíveis se classifica, como o próprio nome sugere, como descritiva. Os dados por nós selecionados serão, a partir do instrumento da observação, descritos com o intuito de compreender um dado fenômeno de linguagem. Para além da determinação das características sintáticas, semânticas e pragmáticas dos empregos formais do verbo haver, a presente pesquisa descritiva “pretende determinar a natureza dessa relação” (BIL, 2002, p. 42).

Quanto ao propósito de investigação, nosso estudo procede à coleta, observação e análise de dados extraídos de um conjunto de textos, o que a caracteriza como empírica e básica, a qual, segundo Paiva (2019), diz respeito às pesquisas cujos propósitos são a compreensão de um dado fenômeno a partir de circunstâncias específicas.

Finalmente, a presente pesquisa monográfica se configura quanto ao seu procedimento técnico como documental. Marconi e Lakatos (2010, p. 157) apontam que “a característica da pesquisa documental é que a fonte da coleta dos dados está restrita a documentos escritos ou não”. Lembram ainda os autores que, quando isso ocorre, denominam-se tais documentos de fontes primárias, ou seja, quando a catalogação dos dados foi realizada pelo próprio autor (PAIVA, 2019). Assim o fizemos após exploração das páginas de Programas de Pós-Graduação dos cursos citados e posterior seleção dos textos (dissertações e teses), nossos documentos, de cujas linhas fizemos ressaltar as ocorrências do verbo haver, nossos dados.

3 DESCRIÇÃO DOS VERBOS EM LÍNGUA PORTUGUESA A PARTIR DE UMA VISÃO FUNCIONALISTA: O CASO DO VERBO HAVER

Neste capítulo, teceremos algumas considerações sobre a base teórica que fundamenta este trabalho, o funcionalismo linguístico. Além disso, discorreremos sobre os comportamentos sintático, semântico e textual-interativo dos verbos em língua portuguesa. Ao final, discutiremos aspectos ligados à configuração sintática do verbo haver com base em Cunha e Cintra (2017) e outros estudos.

3.1 PERSPECTIVA FUNCIONALISTA DA LINGUÍSTICA

Como já indicado, a análise que aqui propomos tem por base os usos da língua. Isso equivale a dizer que este estudo toma a língua como interação social cuja função primordial é a comunicação. Logo, assumimos a compreensão de que o que movimenta a língua, o que a engendra enquanto sistema é o uso, é o texto. Assim, o presente trabalho se volta para o texto, unidade básica de análise, artefato real e autêntico da língua. Nossas observações concebem o texto enquanto (i) lugar em que os usos ocorrem e (ii) que permite o contato entre os elementos linguísticos e as situações de interação social que revelam sua razão de ser, sua natureza.

Seguindo essa perspectiva, esta monografia se inscreve no âmbito dos estudos funcionalistas da linguagem (CASTILHO, 2010; NEVES, 2000; 2011; 2018) utilizando métodos e conceitos da Linguística de Texto (CAVALCANTE, 2012; KOCH, 2015). Ambos os aportes teóricos se alinham de modo a examinar os processos de constituição do enunciado com base numa descrição que integra os níveis de análise sintático, semântico, pragmático, textual e interativo.

Com base em Neves (2000; 2011; 2018), assentamos neste trabalho a visão funcionalista para a qual a linguagem é mais intersubjetiva que subjetiva porque se realiza no interior de um complexo sociointeracional que é, por sua vez, instanciado por propósitos e interlocutores e por um conteúdo que, funcionalmente, deseja atingir um fim. Assim, nas palavras da autora, o funcionalismo

[...] é uma teoria que se liga, acima de tudo, aos fins a que servem as unidades linguísticas, o que é o mesmo que dizer que o funcionalismo se ocupa, exatamented as funções dos meios linguísticos de expressão [...] Funcional é a

comunicação, funcional é a própria organização interna da linguagem (NEVES, 2011, p. 18).

Tomamos, dessa forma, o texto como a gramática em funcionamento e como produto autêntico das relações que estabelecemos a partir das sempre renováveis e dinâmicas demandas sociais. Dentro dessa perspectiva, as expressões linguísticas mantêm uma relação intrínseca com o uso, dado que se moldam gramaticalmente em estruturas sociais e cognitivas a partir das situações interacionais para as quais concorrem (CASTILHO, 2016).

Com isso, a articulação dos componentes ou níveis linguísticos – a sintaxe, a semântica e a pragmática –, configura a proposta funcionalista de exame das escolhas de uso de falantes socialmente inseridos. De acordo com Neves (2018), examinar os usos reais, no que diz respeito à sistematicidade e à funcionalidade da língua, não significa se ancorar em uma deliberada delimitação dos componentes linguísticos, mas de sua integração, uma vez que toda e qualquer codificação que se pretende sintática não prescinde da consideração da “semântica lexical (sentido) e da semântica proposicional (a informação), [ou] do domínio funcional (a pragmática discursiva)” (NEVES, 2018, p. 37).

Contribuem para o enriquecimento da perspectiva aqui disposta as definições de língua de Geraldi (2006, p. 41), que a toma como um meio de “interação humana [uma vez que,] através dela, o sujeito que fala pratica ações que não conseguiria levar a cabo a não ser falando”, e de texto de Halliday (1985, p. 17), para quem este é como “uma unidade semântica [cuja chave de interpretação de seus sentidos requer] uma teoria da articulação entre palavras – ou seja, uma gramática”. Somando-se a essas visões, também encaramos o texto na ótica de Marcuschi (2012, p. 30), para o qual “o texto é uma entidade de outra ordem na medida em que é uma ocorrência na comunicação”. A partir dessa ótica, o texto é concebido como meio em que a linguagem se manifesta. Desse modo, validam-se nossos objetivos em compreender o funcionamento textual-interativo do verbo haver em textos do domínio acadêmico.

A partir dessa ótica para a língua e o texto, realizamos a observação de textos reais, extraídos do domínio acadêmico, para examiná-los a partir de uma descrição dos níveis de análise linguística integrados. Tomando por base esses autores, concluímos que os textos têm uma expressão formal, o conjunto de recursos formais em que se articulam as palavras, e uma expressão de conteúdo, a sua unidade semântica. Chamamos expressão porque não são partes de um todo, são o próprio todo, interfaces de uma mesma composição. Essas expressões são empregadas na medida em que as situações de comunicação se moldam a partir das relações

empreendidas por interlocutores nos mais diversos campos da sociedade. Assim, a produção de linguagem ocorre também a partir de fatores externos ao sistema da língua, como a característica dos interlocutores envolvidos no evento de comunicação, seus objetivos e intenções, o canal em que a mensagem é produzida etc.

Seguindo essa linha teórica de base funcional e levando em conta a natureza da presente pesquisa, tomamos parte também dos estudos de Linguística Textual, uma vez que é no e pelo texto que se dão os fenômenos de linguagem que queremos observar. Fazemos isso a partir da concepção de que o texto é um “lugar de interação entre atores sociais e de construção interacional de sentidos (concepção de base sociocognitiva-interacional)” (KOCH, 2015, p. 12). Isso porque

Na base da atividade linguística está a interação e o compartilhar de conhecimentos e de atenção: **os eventos linguísticos não são a reunião de vários atos individuais e independentes**. São, ao contrário, uma atividade que se faz **com** os outros, conjuntamente (KOCH, 2015, p. 42, grifos nossos).

A noção de texto enquanto peça que faz interagirem indivíduos socialmente situados está na base da Linguística de Texto contemporânea. Segundo Cavalcante (2012, p. 19), a interação verbal ocorre através dos “sujeitos em suas práticas discursivas, realizadas por meio de textos”, de modo que “o texto permeia toda a nossa atividade comunicativa”. A partir dessa noção, procedemos ao exame das ocorrências do verbo *haver* para depreender seu funcionamento textual-interativo, que, segundo Neves (2020), é a consideração de fatores externos aos textos quando da análise dos recursos linguísticos que os compõem, como o perfil dos interlocutores, o tema, o contexto, os propósitos etc. Desse modo, o aporte teórico no qual se ancora esse estudo compreende que as unidades linguísticas se manifestam de modo a cumprir as funções suscitadas pelo estatuto interacional e, logo, social em que circulam os textos. A compreensão do funcionamento dessas unidades passa, portanto, pela compreensão desse estatuto.

3.2 FUNCIONAMENTO DOS VERBOS EM LÍNGUA PORTUGUESA

Teceremos, nesta subseção, algumas considerações sobre o papel dos verbos na língua portuguesa a partir dos nossos propósitos de análise, que conjugam de modo integrado os níveis de análise linguística. Assim, procederemos ao desenvolvimento de algumas considerações teóricas pontuais quanto ao verbo em seu funcionamento sintático, semântico e

textual-interativo. É preciso destacar, contudo, que essa divisão entre os níveis de análise é feita com base em critérios metodológicos. Todos esses níveis de análise inter-relacionam-se, como será perceptível em nossas explicações.

3.2.1 Funcionamento sintático

Os verbos, de modo geral, figuram na estruturação sintática das orações como os responsáveis por constituírem predicados porque designam processos (HALLIDAY, 1985). Pela natureza desses processos, os verbos selecionam os argumentos e elegem os satélites com os quais constroem a oração (NEVES, 2000). Essa eleição mantém certas relações de natureza sintática dos verbos com alguns de seus argumentos implicadas a partir de suas formas e funções, conforme ocorram nas diferentes molduras modo-pessoais (indicativa, subjuntiva, imperativa, dubitativa, entre outras) (NEVES, 2011). Nesta subseção, trataremos dos aspectos formais do verbo no que diz respeito às suas funções na construção da oração, enquanto núcleo do sintagma verbal (SV).

Os verbos são considerados constituintes imediatos da oração, ou seja, eles são um dos termos que formam a estrutura canônica das orações na língua portuguesa: Sujeito – Verbo – Complemento (S-V-C) (PERINI, 2005; BAGNO, 2013). Cada um desses termos, por sua vez, pode ser constituído de mais de um elemento. Em *Meus vizinhos compraram um grande apartamento*, temos os seguintes blocos sintagmáticos: (i) [Meus vizinhos], sintagma nominal (SN) na função de sujeito; (ii) [compraram], núcleo do predicado/ sintagma verbal (SV); e (iii) [um grande apartamento], SN na função de complemento objeto direto. O SN [Meus vizinhos] comporta dois elementos, sendo “meus” um possessivo e “vizinhos” o núcleo do SN. Do mesmo modo, o complemento do verbo, [um grande apartamento], constitui um SN que comporta um determinante indefinido (“um”), um intensificador (“grande”) e o núcleo do sintagma (“apartamento”).

No âmbito dos estudos funcionalistas, os quais embasam esta pesquisa (NEVES, 2000; 2011; 2018; CASTILHO, 2016; CUNHA; SOUZA, 2011), os termos que se relacionam com o verbo são chamados argumentos. Portanto, são argumentos de [compraram] o sujeito [Meus vizinhos] e o complemento [um grande apartamento]. Assim, os verbos que constituem predicados abrem espaços, suas valências (BORBA, 1996), preenchidas por seus argumentos, o sujeito e o(s) complemento(s), “compondo-se a estrutura argumental” (NEVES, 2000, p. 28) em que os elementos agem conforme um dado comportamento gramatical e são hierarquicamente organizados.

O verbo guarda certas características formais ligadas à função que cumpre na oração. Ele se arranja morfológicamente de modo a estabelecer uma relação de concordância com o argumento que ocupa a posição de sujeito. Podemos notar, no exemplo anterior, que o SV [compraram] concorda em número e pessoa gramatical com o SN [Meus vizinhos], ambos na terceira pessoa do plural. Isso explica o motivo pelo qual uma das definições mais aceitas de sujeito não seja a que consta nas gramáticas tradicionais, como em Rocha Lima (2011) e Cunha e Cintra (2017), que o definem como o objeto ou assunto a respeito do qual o predicado declara algo. Para efeitos de uma análise funcional de sujeito, alguns autores preferem considerá-lo como o termo que estabelece uma relação de concordância com o verbo (PERINI, 2005; BECHARA, 2014), ainda que essa definição também seja frágil porque indica que, se não há concordância (como em registros populares), não há sujeito.

De acordo com alguns gramáticos, como Bechara (2014), os predicados, conforme a natureza dos verbos que os constituem, podem ser classificados em verbal (quando o processo expresso pelo verbo é do tipo agentivo), nominal (quando o verbo liga um participante a um complemento do tipo predicativo, denotando um estado) e verbo-nominal (quando o verbo expressa um processo agentivo, mas a ele se liga um complemento que denota um estado do participante na posição de sujeito). Essa classificação suscita algumas discussões. Neves (2000), por exemplo, classifica os verbos entre os que constituem predicados e os que não constituem. Estes funcionam mais como operadores gramaticais e, logo, não podem ser um elemento predicante. Assim, os verbos que não constituem predicado são caracterizados por terem traços mais gramaticais, como modalidade, aspecto, tempo e voz, e menos lexicais. Perini, nessa mesma direção, afirma que o verbo “desempenha na oração unicamente a função de núcleo do predicado” (PERINI, 2005, p. 71), no entanto observa que existem casos em que a oração comporta dois verbos, sendo um deles “irrelevante para a escolha de complementos” (PERINI, 2005, p. 74), os verbos auxiliares. Isso porque esses verbos, como parece ser o critério de Neves (2000), têm esvaziados os seus sentidos lexicais para funcionarem na oração a partir de seus traços mais gramaticais.

Castilho (2010) considera que a principal propriedade gramatical dos verbos é a de estruturar as sentenças por meio da seleção dos argumentos. Isso ocorre por causa do processo de transitividade, aquele a partir do qual o verbo reúne um conjunto de traços semânticos responsáveis por certas exigências de complementação. No entanto, a transitividade não é um traço próprio do verbo, ela perpassa toda a oração na medida em que congrega participantes (SN), processos (SV) e circunstâncias (SN) (CUNHA; SOUZA, 2011). Trataremos, na próxima subseção, das tipologias de predicado possibilitadas pelo processo de transitividade e

que se relacionam com o caráter léxico-semântico dos verbos.

Para finalizar essa caracterização sintática, destacamos o conceito de verbo-suporte proposto por Neves (2000, p. 53), que os define como “verbos de significado bastante esvaziado que formam, com seu complemento (objeto direto), um significado global, geralmente correspondente ao que tem um outro verbo da língua”. De acordo com a definição, podemos tratar por verbo-suporte os verbos que têm mais traços e funções gramaticais e que, por isso, não apresentam as propriedades de atribuição de valores semânticos, ou papéis temáticos, aos seus argumentos. Por isso, são considerados verbos leves semanticamente, pois não representam processos, antes se arranjam com o sintagma nominal de modo a expressar, juntos, uma única ideia (CHISHMAN; ABREU, 2014). Há um processo de gramaticalização do verbo que provoca, no discurso, uma maior especificação do sintagma nominal, efetivando as intenções de comunicação do falante. Verbo e objeto se integram, de modo a construírem um significado unitário. A consideração da grelha sintática [Vh + SN], em que o verbo haver é tido como existencial, pode ilustrar melhor o conceito de verbo suporte. O verbo haver conjuga com o sintagma nominal um sentido unitário, ou de forte integração, como em *Há uma tendência de redução*, em que o verbo e o sintagma que o acompanha podem globalmente significar apenas “tende-se” ou mesmo “propensão à redução”, “disposição em reduzir-se” etc.

3.2.2 Funcionamento semântico

Na seção anterior, quando tratamos das funções sintáticas dos verbos, explicamos que eles têm algumas características gramaticais ou formais, como tempo, aspecto e modo, indicadas na sua morfologia. Essas mesmas características, por sua vez, guardam um tipo de conteúdo semântico nem sempre evidente. Há, por exemplo, um tempo morfológico e um tempo semântico. Isso possibilita compreender, em orações do tipo *Eu costuro fantasias para o desfile da Gaviões da Fiel*, que o tempo morfológico do verbo na oração – [costuro] – é o presente. O conteúdo da proposição, porém, não nos leva a compreender que o sujeito está a costurar no momento em que profere a frase, mas que esse é um fazer regular, que ocorre todos os anos, na época do carnaval.

Quanto ao aspecto, os verbos têm a propriedade morfológica de conferir aos processos que denotam uma noção global de tempo, o que a tradição chama de perfectividade ou imperfectividade, correspondentes a, respectivamente, acabado e inacabado. O modo, por suavez, está mais ligado à pragmática que à semântica, uma vez que diz respeito à força

ilocucionária da proposição. O indicativo seria uma atitude de certeza por parte do falante, o imperativo, de comando, e o subjuntivo, de incerteza (PERINI, 2005; CANÇADO, 2015).

Além dessas funcionalidades, a principal propriedade semântica do verbo é expressar um estado de coisas (CUNHA; SOUZA, 2011), porque aciona um processo (ação, estado, relação, experiência etc.) que, por sua vez, formula circunstâncias e participantes. É da natureza semântica desse processo que se constrói a estrutura argumental dos verbos. Desse modo, o verbo e seus argumentos constituem o predicado, que pode ser do tipo agentivo, experiencial, possessivo, locativo e causativo (CASTILHO, 2010). A cada um desses tipos de verbo se associam argumentos de diferentes papéis temáticos, dos quais se depreendem a “tipologia sintática baseada na transitividade e a tipologia semântica dos verbos” (CASTILHO; ELIAS, 2012, p. 157). De acordo com essa tipologia, os verbos podem selecionar até três argumentos (entre participantes e circunstâncias), ou até mesmo nenhum.

Halliday e Mathiessen (2004) apresentam os processos realizados na transitividade como uma expressão semiótica. O conteúdo semântico dos verbos designaria o conjunto de saberes do mundo das relações abstratas (verbos comportamentais), do mundo físico (verbos materiais e existenciais) e do mundo da consciência (verbos relacionais, verbais e mentais). Isso nos leva a considerar restritas as definições de que o verbo designa apenas ação, estado e fenômeno da natureza.

De acordo com Neves (2000, p. 25), “os verbos designam as propriedades e relações que estão na base das predicacões”. Compreendemos, assim, que se devem à natureza lexical dos verbos, portanto, seus traços mais semânticos, que são os responsáveis pela formação da estrutura argumental. Não podem, de acordo com a autora, constituir predicados os verbos de traços mais gramaticais, os que modalizam e os que indicam aspecto, tempo ou voz. Neves (2000) ainda observa que o conteúdo semântico dos verbos se divide em classes que dizem respeito ao seu dinamismo. Assim, os verbos se dividem entre dinâmicos (que exprimem ação ou estado) e os não dinâmicos (verbos acompanhados de SN sujeito, o suporte do estado).

3.2.3 Funcionamento textual-interativo

O verbo, considerado como uma categoria de palavra que expressa toda uma sorte de processos realizados na realidade externa ao sistema linguístico, é uma unidade do léxico de uma língua. Segundo Haug (2014, p. 821), definir o verbo como a palavra que expressa apenas ação, estado ou fenômeno natural “é excluir dessa conceituação grande número de

verbos que evidentemente não denotam nem ação, nem estado, nem fenômeno”. Essa autora considera que os verbos exprimem as modalidades de um processo que pode denotar, entre outros sentidos, passividade, necessidade, ocorrência, conveniência etc. Os sentidos, propósitos e intenções de qualquer texto resultam da relação entre as unidades lexicais e as unidades gramaticais (ANTUNES, 2012). Assim, no texto, unidade básica de análise, os verbos constroem a predicação, e os argumentos que eles selecionam participam da rede referencial (referenciação).

Os verbos são processos que designam um estado de coisas (CUNHA; SOUZA, 2011) nas quais incluem participantes – nomes, objetos, seres, coisas – e circunstâncias. Isso ocorre por causa do sistema de transitividade dos verbos, que selecionam seus argumentos de modo a construir entre eles tipos diferentes de processos, sendo os principais: materiais, mentais, relacionais, comportamentais, verbais e existenciais (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004). É a partir de tais premissas, no que diz respeito à construção de relações entre entidades do texto que redundam de tais processos (verbos), que se faz necessário, até mesmo para os propósitos do presente trabalho, o desenvolvimento da noção de referenciação e sua importância para o texto.

Os textos progredem na medida em que as entidades ou noções de que tratam também o fazem. O principal processo textual que permite essa progressão é a referenciação, conceituada por Koch e Elias (2010, p. 123) nos seguintes termos:

Denomina-se referenciação, as diversas formas de introdução, no texto, de novas entidades ou referentes. Quando tais referentes são retomados mais adiante ou servem de base para a introdução de novos referentes, tem-se o que se denomina progressão textual (KOCH; ELIAS, 2010, p. 123).

Referenciação, portanto, é o processo pelo qual um referente é introduzido e desenvolvido textualmente. Os verbos não são referentes, ainda que possam, pela ação de um determinante definido, ocupar a posição de um. Eles podem, no entanto, retomá-los, no texto, a partir dos morfemas verbais de pessoa gramatical, além de, como explicado anteriormente, efetivar os processos que os envolvem numa rede de relações com outros referentes em uma dada circunstância. Logo, os verbos participam indiretamente do processo de referenciação.

No caso do verbo haver, quando na estrutura monoargumental [Vh + SN], o sintagma nominal introduzido participa do jogo referencial construído na textualização. Consideremos o exemplo a seguir:

Covid 19: A cada 150 minutos há uma denúncia de médicos sobre problemas na assistência. (Portal Hospitais Brasil)

O SN da grelha sintática [Vh + SN] ilustrada por [há uma denúncia] corresponde a um referente introduzido no discurso pelo verbo suporte haver, o qual, por sua vez, expressa uma ideia central do texto, no caso a manchete de uma notícia, a ser desenvolvida posteriormente. O autor do texto poderia expressar a mesma ideia a partir de da alteração do SN em verbo pleno, da seguinte maneira:

A cada 150 minutos médicos denunciam problemas na assistência.

No entanto, por conta de uma estratégia discursiva, o autor optou por expressar a denúncia como um referente que figura no texto como tópico discursivo central, dando ênfase ao referente [denúncia] em detrimento do processo [denunciar].

Koch e Elias (2010) apontam algumas estratégias de referenciação, como a introdução, a retomada e a desfocalização. A introdução constrói os referentes de um texto ao introduzi-los sem qualquer tipo de menção prévia, e, por isso, tais referentes coincidem com os tópicos temáticos do texto. A retomada realiza a reativação de referentes já introduzidos no texto, de modo a fazê-los permanecer em foco. A desfocalização, por sua vez, está ligada à introdução de um novo objeto de discurso que tira o foco dos referentes anteriormente introduzidos. Os novos objetos são textualmente construídos por ancoragem nos sentidos efetivados pelos referentes anteriores, ou seja, são “acréscimos sucessivos de novas categorizações e/ou avaliações acerca do referente” (KOCH; ELIAS, 2010, p. 126).

Os morfemas de pessoa gramatical participam, por vezes, do processo de retomada dos referentes. Podemos, portanto, ligar ao verbo uma função anafórica no que diz respeito à construção da referenciação. Koch e Elias (2010, p. 127) definem anáfora como “[...] o mecanismo por meio do qual se aponta ou remete para elementos presentes no texto ou que são inferíveis a partir deste. Comumente, reserva-se a denominação de anáfora à remissão para trás e de catáfora, à remissão para frente”. Os processos designados pelo verbo desenvolvem a rede referencial a partir do modo como agenciam participantes com os quais estabelecem uma relação de concordância. Os tempos verbais apontam para as pessoas do discurso, um processo dêitico, mas podem retomar referentes já mencionados no texto. Há casos em que um substantivo retoma um verbo, como em *Os parlamentares brigaram feio durante a sessão. Essa briga teve como consequência o atraso na votação do novo projeto de lei*, em que o referente [briga] retoma o verbo [brigaram] da oração anterior. Podemos

dizer, portanto, que existe um princípio anafórico na relação entre verbo e seu argumento, os referentes que desenvolvem textualmente.

Assim, percebemos que a anáfora participa do processo de referenciação tanto no que concerne à manutenção de foco de um referente (retomada), quanto na sua desfocalização (prospecção). Sobre isso, Cavalcante (2012) procede a uma importante distinção dos processos anafóricos. Segundo a autora, quando a anáfora retoma referentes por meio de expressões referenciais (pronomes, novo sintagma nominal ou repetição de um item lexical ou pronominal), caracteriza-se anáfora direta ou correferencial. A anáfora indireta, por sua vez, ativa um novo objeto discursivo a partir da interpretação de informações já presentes no texto. A mesma autora denomina encapsuladores os elementos ou trechos do texto que resumem uma porção textual – já presente ou a se projetar – com possíveis acréscimos contextuais. Assim, os encapsuladores categorizam noções apresentadas antecipadamente no texto.

A catáfora, por sua vez, pode ser compreendida como a alusão por meio de um pronome a um referente que ainda vai ser projetado no texto (BAGNO, 2013), em uma espécie de introdução não ancorada (KOCH; ELIAS, 2010). Ainda assim, a catáfora é um tipo de apontamento para algum elemento do texto, tanto quanto a anáfora, com a diferença de que a “anáfora [faz] a remissão para trás e a catáfora [faz] a remissão para frente” (KOCH; ELIAS, 2010, p. 127).

Os tópicos discursivos são as ideias ou temas que se organizam no texto – é aquilo sobre o qual se está falando num discurso (BROWN; YULE, 1983). Os tópicos não se confundem com os referentes do texto numa relação direta, uma vez que seu acesso ou interpretação na leitura de um texto leva em conta o evento comunicativo como um todo, bem como as condições de produção e os campos em que circulam os textos (CAVALCANTE, 2012).

Um texto se estrutura em tópicos e subtópicos, ou temas e subtemas que lhes são ancorados, de maneira hierárquica. Sobre isso, Fulgêncio e Liberato (1998, p. 37) observam que “o tópico de um texto [...], ao estabelecer um quadro de referência, contribui para que o leitor crie certas expectativas que guiam sua interpretação, ajudando-o, inclusive, a dissolver possíveis ambiguidades”. Assim, os tópicos de um texto se relacionam ao seu desenvolvimento argumentativo porque são caracterizados por dois traços básicos, segundo a análise de Cavalcante (2012): a centração, que é o tema central ao redor do qual giram os elementos de um texto, e a organicidade, que é a estruturação do tema central em outros subtópicos que mantêm entre si uma relação de interdependência e que originam os quadros tópicos. Os verbos estão na base do desenvolvimento desse quadro porque são o núcleo da

predicação (PERINI, 2005) e, logo, declaram um estado de coisas sobre os referentes que compõem os tópicos de um texto.

Outra percepção da ordem textual-interativa é que existem marcas discursivas que revelam as atitudes dos autores quando da construção do texto, o que pode ser denominado modalização. Neves (2011), na busca por uma compreensão aceitável da modalização, procede a uma oposição entre enunciados de caráter objetivo e outros de caráter subjetivo para, entre eles, construir uma gradação da modalização, em uma espécie de *continuum*. Seriam menos modais os enunciados que realizam descrições ou relatos objetivos das coisas, e mais modais os enunciados que, através de marcas linguísticas, revelariam uma tomada de posição, no que diz respeito “às atitudes morais, intelectuais e afetivas expressas ao longo do discurso” (NEVES, 2011, p. 153). As marcas de modalidade de natureza verbal estão ligadas, seguindo esse raciocínio, aos processos mais subjetivos capazes de serem acionados pelos verbos, tais quais os processos experienciais ou mentais (HALLIDAY; MATHIESSEN, 2004).

Em textos do domínio acadêmico, que, como tratamos no capítulo anterior, prezam pela apresentação de argumentos que defendem a propositura de fato novo em uma dada área do conhecimento científico, as marcas de modalidade podem ficar por conta não só da assertividade das afirmações que constroem as hipóteses, mas também, como acena Neves (2011), a partir do agenciamento de operadores modais. Isso porque, segundo a mesma autora, “do ponto de vista comunicativo-pragmático [...] a modalidade é uma categoria automática, já que não se concebe que o falante deixe de marcar de algum modo o seu enunciado em termos de verdade do fato expresso” (NEVES, 2011, p. 152). Desse modo, podemos considerar que o verbo haver indica sempre um grau de modalização, por menor que seja, enquanto verbo-suporte na grelha sintática [Vh + SN], em que o autor do texto procede a uma escolha: introduzir um referente no texto em detrimento de um processo verbal equivalente, como vimos acima no caso de [há uma denúncia] e [denunciam].

3.3 CONFIGURAÇÕES SINTÁTICAS DO VERBO HAVER

Nesta subseção retomamos as considerações realizadas na gramática de Cunha e Cintra (2017), no capítulo que designam “A sintaxe do verbo haver”, e desenvolvemos algumas reflexões teóricas também a partir do olhar de outros pesquisadores que propuseram estudos sobre as construções que resultam do emprego do verbo haver, como Franchi *et al.* (1998) e Moura (2017), com o intuito de melhor compreender o modo como esse verbo se

configura sintaticamente e quais traços semânticos lhes são atribuídos.

A classificação realizada pelos gramáticos toma por base exclusivamente o critério da pessoalidade ou impessoalidade do verbo haver, de modo a evidenciar a presença ou ausência de sintagma nominal na função de sujeito anteposto. Assim, indicam os autores, em linhas de tom prescritivo, que “O verbo haver, conforme o seu significado, **pode empregar-se em todas as pessoas ou apenas na 3ª pessoa do singular**” (CUNHA; CINTRA, 2017, p. 551, grifo nosso), desconsiderando a configuração de gralhas sintáticas do tipo [Vh + SN], estrutura argumental em que o sintagma nominal, argumento do verbo, é da classe geral dos nomes, um referente introduzido ou retomado na rede referencial, sem que se leve a efeito uma necessária relação de predicação entre verbo e sintagma nominal.

De acordo com Cunha e Cintra (2017, p. 551-554), os empregos do verbo haver resultam de seus diferentes significados, que podem ser: “equivalente a ter”; “conseguir”, “obter”, “alcançar” e “adquirir”; “portar-se”, “proceder”, “comportar-se” e “conduzir-se”; “entender-se”, “avir-se” e “ajustar contas”; “ser possível”; “ter” e “possuir”; “julgar”, “pensar”, “considerar” e “ter para si”; “dignar-se”, “resolver”, “assentar” e “julgar oportuno ou conveniente” (por meio da expressão *haver por bem*); “precisar” e “necessitar” (por meio da expressão *haver mister*), sentidos esses que resultam no emprego de haver em todas as pessoas verbais. Citam também os sentidos de “existir” ou indício de “tempo decorrido”, além de “quando indica existência e vem acompanhado de ir, dever, poder etc.”, sentidos esses que resultam no emprego da forma impessoal. Todas essas acepções de sentido são exemplificadas pelos autores a partir de trechos curtos de textos literários, não passando por vezes dos limites da oração. Esses sentidos são organizados do modo como dispomos no Quadro 2, a seguir:

Quadro 2 – Configurações sintáticas do verbo haver em Cunha e Cintra (2017)

MORFOSSINTAXE	SENTIDO	EXEMPLO
Verbo principal e pessoal	Equivalente a ter	<i>Também a mim me hão ferido.</i>
Verbo principal e pessoal	Conseguir, obter, alcançar, adquirir	<i>Donde houveste, ó pélago revolto/ Esse rugido teu.</i>
Verbo principal, pessoal e com forma reflexa	Portar-se, proceder, comportar-se, conduzir-se	<i>Soares houve-se como pode na singular situação em que se achava.</i>
Verbo principal, pessoal e com forma reflexa	Entender-se, avir-se, ajustar contas	<i>O mestre pedreiro, que era do mesmo sangue do patrão, que se houvesse com ele.</i>
Verbo principal, pessoal e acompanhado de infinitivo sem preposição	Equivalente a ser possível	<i>Não há negá-lo, o apito é de uso geral e comum.</i>
Verbo principal e pessoal	Ter, possuir	<i>Aos que bem fizeram, hei inveja</i>
Verbo pessoal e principal	Julgar, pensar, considerar, ter para si	<i>O que eu hei por gran crueza.</i>
Expressão “haver por bem”	Dignar-se, resolver, assentar, julgar oportuno ou conveniente	<i>O coronel, que neste momento lia na rede as folhas recém-chegadas, houve por bem interromper a ingestão de um flamente discurso sobre a questão do Amapá para acudir em favor do fedelho.</i>
Expressão “haver mister”	Precisar, necessitar	<i>Deus o auxilie e illustre, e a todos nós, que bem o havemos mister.</i>
Verbo principal e impessoal	Existir	<i>Havia simples marinheiros; havia inferiores; havia escreventes e operários de bordo.</i>
Verbo principal e pessoal	Tempo decorrido	<i>Tinha adoecida, havia quinze dias.</i>
Infinitivo mais verbo auxiliar	Existir acompanhado de ir, poder, dever etc.	<i>Deve haver muitas diferenças entre nós.</i>

Fonte: elaborado a partir de Cunha e Cintra (2017)

O quadro apresenta de modo condensado como Cunha e Cintra buscaram compreender

os empregos do verbo haver a partir de um critério antes de tudo semântico, com exemplos extraídos de textos literários e restritos aos limites da oração ou de curtos períodos. De modo geral, o que os autores propõem a respeito da sintaxe do verbo haver está pautado nas formas desse verbo, se pessoal ou impessoal, se verbo nominal, se auxiliar ou principal e nos seus empregos em relação aos sentidos pretendidos. Por isso, buscam relacionar esses mesmos sentidos, muitos dos quais já de uso anacrônico, à sua morfossintaxe porque enquadram as formas do verbo (se pessoal ou impessoal) e a posição que ocupam (se nuclear ou não) como os únicos critérios formais que explicam a sua natureza semântica.

Vale ressaltar que os autores procedem a uma tomada de posição também normativista – não de todo confessada, ainda que classifiquem seu trabalho como uma “descrição” do “presente momento da evolução da língua” em que “[levam] em conta, simultaneamente, as diversas normas vigentes dentro de seu vasto domínio geográfico” (CUNHA; CINTRA, 2017, p. 23). No entanto, todas as vinte e cinco possibilidades de sentido descritas decorrem do exame de trabalhos de altos nomes das literaturas brasileira e portuguesa, escritos no século XIX ou no início do século XX. Assim, importa aos autores que os leitores observem, em textos considerados canônicos, que, no que diz respeito aos empregos do verbo haver, há os sentidos que marcam sua impessoalidade e os que marcam sua pessoalidade. Portanto, a descrição que prometem se restringe às possibilidades de emprego desse verbo.

Todas as acepções de sentido descritas pelos autores, por sua vez, se trouxermos ao debate em outras perspectivas, possibilitam reflexões importantes quanto à desenvoltura sintático-semântica das construções formadas pelo verbo haver. Possibilitam, inclusive, apontar alguma incongruência realizada pelos gramáticos.

Notamos, por exemplo, que esses gramáticos propõem cinco subclassificações do verbo haver cujo emprego se dá em todas as pessoas, sendo duas como verbos reflexivos (uma no sentido de “comportar-se”, outra de “avir-se”). Podemos acrescentar que, de acordo com os exemplos apresentados pelos gramáticos, ainda que poucos e restritos aos limites da oração ou do período, quando no sentido de “comportar-se”, o verbo haver exige termo que o modalize, como os destacados em (1) e (2):

(1) Talvez passasse por cima de tudo, da maneira como ele a tratara, da dureza com que se **houvera** e se lembrasse de que ele era o seu pai. (J. Paço D’Arcos, CVL, 702.).

(2) Soares **houve-se como pôde** na singular situação em que se achava (Machado de Assis, OC, II, 51).

Por sua vez, quando em sentido de “avir-se” ou “ajustar contas”, exige

complemento preposicionado, o alvo da ação predicada pelo verbo haver, como os destacados em (3) e (4):

- (3) Que para as excomunhões e interditos de Roma, el-rei lá se **haveria** com eles, que podia. (Almeida Garret)
- (4) O mestre padeiro, que era do mesmo sangue do patrão, que se **houvesse** com ele (J. Lins do Rêgo).

Cunha e Cintra (2017), ainda na categoria de verbo pessoal, descrevem o verbo haver com sentido de ter e auxiliar de participío. Observamos, no entanto, que a substituição pelo seu correspondente, o verbo ter, demarcaria mudanças de natureza tanto sintática quanto semântica, uma vez que o verbo ter é mais nocional que o verbo haver, o que implicaria em tornar o participío não mais núcleo da predicação, mas adjetivo do verbo ter, como pode ser visto em (5). O verbo haver, por sua vez, mais gramatical que o verbo ter, marcaria um valor aspectuo-temporal perfectivo ou télico (NEVES, 2000), ou seja, funcionaria como auxiliar do participío, denotando a narração de um acontecimento linguístico acabado ou projetado em pontos exatos do passado ou do futuro, como no exemplo indicado pelos autores, em (6).

- (5) Também a mim me **tinham** ferido. (adaptado de Cunha e Cintra, 2017)
- (6) Também a mim me **hão** ferido.

Observamos também uma incongruência quando da subclassificação do verbo haver como verbo pessoal. Apontam os autores que esse verbo se emprega em todas as pessoas quando é verbo principal no sentido de “ser possível” acompanhado de infinitivo preposicionado. E exemplificam:

- (5) Não **há negá-lo**, o apito é de uso geral e comum. (Machado de Assis).
- (6) Não **há julgá-lo** de outro estofo, vendo-o trazer consigo de Nápoles uma gentil italiana, e dois filhinhos, que aposentou em Lisboa num palacete de Belém. (C. Castelo Branco)

A partir desses exemplos, no entanto, verificamos que os elementos destacados são orações substantivas reduzidas de infinitivo. Considerando, pois, o sentido de “ser possível” e o apagamento do elemento modalizador “como”, do qual resultariam as orações “Não há *como* o negar” ou “Não há *como* o julgar de outro estofo”, entendemos que não é possível a conjugação do verbo haver para além da terceira pessoal do singular nos exemplos trazidos pelos autores, configurando-se, assim, ao contrário do que indicam, o seu emprego na forma

impessoal.

Sobre os verbos *ter* e *haver*, Franchi *et al.* (1998), em estudo sobre a gramática das orações impessoais, apontam que são verbos menos predicadores e mais funcionais, ou seja, operam a partir de funções que guardam mais características gramaticais que lexicais. Observam ainda que esses verbos, sobretudo o verbo *haver*, passaram por um processo de esvaziamento de seus sentidos específicos, dado o percurso histórico de seus usos, de modo a se gramaticalizarem. Os mesmos autores indicam que, em construções existenciais, a relação entre o verbo e seu argumento interno não é de predicação, logo não existe a atribuição de papéis temáticos. O autor cita Milsark (1974; 1977), que nomeia “coda” a relação entre os constituintes de uma construção existencial. Assim, enquanto categorias funcionais, esses verbos passaram a expressar “modalização, quantificação e dêixis, como ocorre com os chamados verbos auxiliares” (FRANCHI *et al.*, 1998, p. 05). Na esteira do trabalho de Franchi *et al.* (1998) sobre as construções existenciais, queremos levar a efeito o desenho das funções textual-interativas do verbo *haver* a partir da grelha sintática [Vh + SN]. Os autores nos levam a perceber que, para além da mera e tautológica aceção de realizarem uma predicação de existência, tais construções funcionam de modo a introduzirem e direcionarem tópicos específicos na totalidade do universo discursivo, uma instrução de como e do que compreender na rede geral da textualização.

O raciocínio é semelhante quando examinamos de modo mais detido o sentido de tempo transcorrido realizado pela construção existencial [Vh + SN]. Segundo Mória (2011), esse sentido é a evidência do aspecto funcional desse verbo, de traços menos semânticos. Em orações do tipo *Há muito tempo eu frequento os jogos do Corinthians no estádio*, o verbo *haver*, ao predicar a expressão que indica tempo transcorrido não tem propriamente o sentido de existir a partir da forma impraticável [existem muitos anos]. A função semântica nesse caso é a indicação do tempo transcorrido, seja ela indefinida, como no exemplo, ou definida, como em *Há 20 anos que comemoro meu aniversário com minha família*. Em ambos os casos, a função do verbo *haver* na grelha sintática [Vh + SN] é indicar o tempo transcorrido e não um processo.

Para Moura (2017), em estudo sobre *haver* enquanto verbo suporte, ou seja, aqueles cujos sentidos lexicais são esvaziados no uso (NEVES, 2000), a construção [Vh + SN] tem como uma de suas possibilidades a formação de perífrases em que os verbos instanciados como suporte “[não realizam] projeções de papel participante sujeito, [mas de argumentos predicantes ou] papel participante objeto” (MOURA, 2017, p. 122). Isso equivale a dizer que a configuração sintática que observamos neste estudo, a partir das designações “construção

existencial” ou “verbo suporte haver”, pode nos ajudar a compreender o modo como esse verbo contribui para o estabelecimento ou retomada de tópicos discursivos que atualizam o universo das noções que constroem os textos, ou seja, sua função textual-interativa.

4 FUNÇÕES DO VERBO HAVER EM SEÇÕES DE ABERTURA E FECHAMENTO DE TESES E DISSERTAÇÕES DE CIÊNCIAS HUMANAS

Neste capítulo apresentaremos algumas das ocorrências do verbo haver presentes no nosso *corpus* com o fim de demonstrar como se dão suas funções textual-interativas em textos do domínio acadêmico. Primeiro, tecemos algumas considerações gerais sobre as funções do verbo haver na estrutura [Vh + SN] para depois analisarmos mais detidamente como essa mesma estrutura apresenta ideias a partir de dadas categorias textual-interativas. No final, procedemos às reflexões que sintetizam nossa análise.

4.1 ANÁLISE GERAL DO FUNCIONAMENTO DO VERBO HAVER EM TEXTOS ACADÊMICOS

Pudemos notar que os estudos a respeito do verbo haver frequentemente partem da ideia de que ele realiza construções existenciais, ou seja, que o sentido comumente suscitado pelo seu emprego é o de existir. A grelha sintática, centro de nosso interesse nesta pesquisa, de certo modo corrobora essa ideia, sendo, em geral, o SN de [Vh + SN] a possível representação da entidade que existe. Acreditamos, no entanto, que classificar tais construções como meramente existenciais não é suficiente para explicar a funcionalidade de haver no texto. Isso porque não é o verbo que tem o sentido de existir, mas a construção por ele realizada, uma vez que, em vários outros contextos, esse verbo pode funcionar a partir de todos os sentidos descritos por Cunha e Cintra (2017). Entendemos que o verbo haver tem uma função mais ligada à articulação das noções por ele introduzidas no texto. Assim, a compreensão do seu funcionamento parte da consideração de que os sintagmas nominais das construções com o verbo haver (as entidades que existem) são tópicos discursivos que configuram o quadro temático do texto.

Essa ideia encontra respaldo em Castilho (2010), que atribui aos verbos ter e haver, empregados no sentido de existir, a funcionalidade de construir sua valência em estruturas monoargumentais. Tais verbos evidenciam, então, seus argumentos, porque os introduzem no texto enquanto elementos (tópicos discursivos) novos. O mesmo autor, ainda, classifica-os como apresentacionais, terminologia com a qual concordamos. Por isso, acreditamos que o funcionamento textual-interativo desses verbos guarda relações com os processos de retomada e prospecção de elementos do texto realizados na rede referencial.

Quando participa da introdução de novos elementos no texto, o verbo haver tem esvaziado seus sentidos léxico-semânticos, ou seja, é um verbo-suporte (NEVES, 2000). Isso ocorre a partir de construções existenciais (FRANCHI *et al.*, 1996), ou estruturas monoargumentais (CASTILHO, 2012), cuja grelha sintática é [Vh + SN]. As ideias introduzidas pelo verbo haver estão ligadas aos processos de configuração do texto, como a construção da referenciação. Além disso, quando esse verbo retoma referentes por repetição ou substituição de nomes já mencionados, funciona como orientador do leitor por um processo semelhante ao anafórico.

A partir dessas informações e com base numa análise geral dos dados, acreditamos que a função do verbo haver é mesmo a de apresentar tópicos discursivos enquanto verbo-suporte, tendo seus sentidos mais ligados à configuração dos componentes textuais que à construção de processos. É importante evidenciar que essas observações foram feitas em textos de alto grau de monitoramento, como os que circulam no domínio acadêmico. As ocorrências de que dispomos, extraídas de teses e dissertações, procuram demonstrar o que acabamos de afirmar.

Após o exame de todas as ocorrências do verbo haver nas suas formas infinitiva, terceira pessoa do presente do indicativo e terceira pessoa do pretérito imperfeito (haver, há e havia), nós as dividimos em duas macrocategorias, a de (i) apresentar ideias do texto, a qual se subdivide em outras subcategorias, e (ii) a de orientar locativa e temporalmente o leitor. As categorias ligadas à função de apresentar ideias foram as que apresentaram o maior número de ocorrências, 49 (quarenta e nove) no total. A função locativo-temporal ocorreu 07 (sete) vezes. O quantitativo dessas ocorrências está detalhado no gráfico a seguir:

Gráfico 1 – Funções do verbo haver em ocorrências de textos acadêmicos



Fonte: o Autor (2021)

A macrocategoria do verbo haver cuja função é apresentar ideias no texto se subdivide em duas outras categorias. A primeira é a de apresentação de ideias centrais do texto, que ocorreu 09 (nove) vezes em nosso *corpus*. Nessa função, o verbo haver introduz nomes cujo referente diz respeito a noções ligadas aos tópicos discursivos centrais desenvolvidos no texto.

A segunda categoria é a de apresentação de ideias secundárias do texto, a qual, por sua vez, se subdivide em cinco subcategorias:

a) Apresentação de ideias centrais do parágrafo, com 06 (seis) ocorrências. Nessa função, o verbo haver introduz referentes que desenvolvem ideias secundárias para o texto como um todo, mas centrais nos parágrafos em que ocorrem.

b) Antecipação de ideias, com quatro (04) ocorrências. Nessa função, o verbo haver introduz nomes cujos referentes dizem respeito a ideias ainda a serem desenvolvidas, não mencionadas antes. Essa função guarda semelhanças com o processo catafórico.

c) Retomada de ideias, com 03 (três) ocorrências. Nessa função, o verbo haver introduz nomes cujos referentes dizem respeito a ideias já mencionadas no texto. Um processo de retomada de referentes semelhante ao anafórico.

d) Continuidade do tópico discursivo com argumento, de que contamos 09 (nove) ocorrências. Nessa função, o verbo haver introduz ideias que buscam comprovar hipóteses ou afirmações desenvolvidas em períodos anteriores no mesmo parágrafo. Entendemos assim, que os nomes introduzidos por haver constituem argumentos comprovativos a respeito do tópico discursivo de que trata o parágrafo.

e) Continuidade do tópico discursivo sem argumento, com 18 (dezoito) ocorrências. Nessa função, o verbo haver introduz nomes cujos referentes visam a desenvolver o tópico discursivo do parágrafo. Nesses casos, os nomes introduzidos pelo verbo se situam em períodos que iniciam por uma oração subordinada adverbial que, normalmente, indica explicação, condição, concessão, finalidade ou conclusão.

A macrocategoria do verbo haver cuja função é orientar locativa e temporalmente o leitor no texto figurar no *corpus* em 07 (sete) ocorrências. A localização de informações no texto, com 01 (uma) ocorrência, visa a direcionar o leitor na superfície textual por meio da expressão “há algumas linhas”. A função de orientar temporalmente, no sentido de indicar tempo transcorrido, ocorreu 06 (três) vezes. A indicação de tempo transcorrido, por sua vez, em todas as ocorrências do *corpus*, é modalizada e nunca expressa a medida exata do tempo transcorrido.

Após essas observações sumárias, seguiremos com informações mais detalhadas a respeito dessas categorias.

De modo mais detido, podemos dizer que a nossa compreensão do verbo haver enquanto apresentacional decorre de aspectos ligados às ideias que configuram a rede referencial dos textos analisados e que são por ele apresentadas. Essas ideias representam os tópicos discursivos expressos por referentes a partir dos quais todo o texto se desenvolve. Assim procede a grelha [Vh + SN] quando apresenta ideias centrais do texto, ou seja, noções que figuram como os temas gerais das teses e dissertações analisadas. Para essa categoria tivemos 09 (nove) ocorrências, das quais 05 (cinco) na seção de Resumo, 03 (três) na de Introdução e 01 (uma) na de Considerações finais. As duas primeiras seções estão ligadas à construção dos referentes nocionais que configuram o quadro temático geral do texto, uma das razões pelas quais nelas se encontrem o maior número de ocorrências de haver enquanto verbo apresentacional de ideias centrais do texto.

Em seguida, categorizamos haver enquanto verbo apresentacional de ideias secundárias do texto. Os nomes que ocupam a posição do SN em [Vh + SN] são referentes que não estão diretamente ligados aos tópicos discursivos do quadro das ideias centrais do texto. Por isso o subcategorizamos a partir de outras cinco (05) categorias.

Uma delas é a apresentação de ideias centrais do parágrafo, com 06 (seis) ocorrências, sendo 03 (três) nas seções de Introdução – dessas, 01 (uma) em nota de rodapé – e 03 (três) nas de Considerações Finais. Não houve nenhuma ocorrência do verbo haver enquanto apresentador de ideias centrais do parágrafo nas seções de Resumo dos textos analisados. Isso pode se explicar também pelos propósitos de comunicação do texto de resumo, que procura apresentar a síntese do modo como o tema geral dos trabalhos de pesquisa foi abordado, não contemplando particularidades quanto ao desenvolvimento dos tópicos discursivos. A ocorrência em texto de nota de rodapé pode ilustrar melhor a prototipia dessa categoria, uma vez que esses textos, frequentemente constituídos de um único parágrafo, buscam explicar noções marginais ao quadro temático geral de um texto de pesquisa.

Categorizamos o verbo haver também como antecipador de ideias, uma subcategoria ligada à função de apresentação de ideias secundárias do texto. Nos textos analisados, houve 04 (quatro) ocorrências desse tipo, sendo 03 (três) nas seções de Introdução e 01 (uma) na de Conclusão. Não houve ocorrências dessa subcategoria nos resumos dos textos analisados. A explicação para esses números pode estar ligada à função exercida pelo verbo a partir dessa categoria. Nela, o SN da estrutura [Vh + SN] é um referente cuja ideia que representa não foi mencionada anteriormente, sendo introduzido no texto para seu posterior desenvolvimento e definição, em um movimento catafórico. Também está mais ligado ao desenvolvimento dos temas mais específicos porque introduz ideias que denotam as particularidades dos tópicos

discursivos, por isso dificilmente ocorrem em textos cujo propósito é apresentar a síntese do quadro temático geral, como o resumo.

Outra subcategoria ligada à função de apresentar ideias secundárias do texto é a de retomar ideias anteriormente apresentadas. Foram 03 (três) ocorrências, todas nas seções de Considerações Finais das teses e dissertações analisadas. Essa seção precisa retomar as noções desenvolvidas durante todo o texto para sobre eles oferecer um parecer final. Isso explica por que a estrutura [Vh + SN] funcionou, nessa seção, a partir de um processo anafórico. A observação dessa função do verbo haver em textos acadêmicos requer o acompanhamento das ideias que constituem o quadro temático geral dos textos a partir das noções centrais e secundárias. É uma função ligada ao texto e, por isso, perceptível a partir da consideração do texto como a unidade básica de análise.

As ideias apresentadas pelo verbo haver podem se dar pela introdução ou retomada de elementos. Assim se caracterizam as categorias de continuidade do tópico discursivo com e sem apresentação de argumentos. Foram 09 (nove) ocorrências do primeiro, sendo 02 (duas) nos Resumos, 06 (seis) nas seções de Introdução – das quais 01 (uma) em nota de rodapé – e 01 (uma) nas Considerações Finais. Percebemos que essa função ocorre majoritariamente na seção de Introdução. Essa seção precisa apresentar as noções gerais que constituem o quadro temático do texto. As estruturas [Vh + SN] dão continuidade aos referentes que representam essas noções a partir da introdução de argumentos que corroboram afirmações anteriormente apresentadas. Muito por conta disso, os nomes que ocupam a posição do SN têm sentidos mais genéricos, como “entendimento”, “princípios”, “maior ênfase”, “evidências” etc.

A subcategoria de continuidade do tópico discursivo sem argumento busca desenvolver ideias apresentadas em períodos anteriores a partir de circunstâncias introduzidas por conectores, normalmente conjunções de orações adverbiais. Ela ocorreu 18 (dezoito) vezes, sendo 01 (uma) vez nos textos de Resumo, 09 (nove) nas seções de Introdução – das quais 01 (uma) em nota de rodapé – e 08 (oito) nas de Conclusão. Essa subcategoria representa o maior número de ocorrência da grelha [Vh + SN] do nosso *corpus*. Ela figurou, sobretudo, nas seções de Introdução e Considerações Finais. Essa função, como a anterior, está ligada ao desenvolvimento temático dos parágrafos. O verbo haver figura no interior dos períodos contribuindo para as construções de ideias modalizadas por algum tipo de circunstância. A diferença da subcategoria anterior é que não constroem argumentos comprovativos de afirmações anteriormente apresentadas. Antes, indicam relações semânticas ao lado dos conectores que introduzem as orações subordinadas que constroem.

Examinamos também as ocorrências da estrutura [Vh + SN] que não configuraram

uma função de apresentar ideias, mas de operação de circunstância locativa, a partir da localização de informações já citadas no texto, além das ideias de tempo transcorrido. Para a primeira subcategoria, houve 01 (uma) ocorrência, na seção de Introdução de um dos textos analisados, o que não nos possibilita tirar conclusões mais embasadas. No entanto, percebemos que, em “há algumas linhas”, a partir da consideração do texto como meio de interação, sugere-se ao leitor que a estrutura sintática [Vh + SN], neste caso específico, orienta a retomar apontamentos já realizados e cuja menção é importante para o entendimento das noções apresentadas.

Na categoria que expressa a função de tempo transcorrido, houve 06 ocorrências de [Vh + SN], sendo 03 (três) nas seções de Introdução e outras 03 (três) nas seções de Considerações Finais. As poucas ocorrências dessa função podem estar ligadas aos propósitos do texto acadêmico, sobretudo nas seções de Introdução e Considerações Finais, uma vez que as construções dêiticas de tempo mais frequentemente figuram em textos de natureza narrativa.

Passaremos ao exame pormenorizado de cada uma dessas categorias, demonstrando essas funções a partir das ocorrências encontradas.

4.2 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO VERBO HAVER A PARTIR DE SUAS FUNÇÕES NO TEXTO ACADÊMICO

Nesta subseção procuraremos demonstrar o funcionamento textual-interativo do verbo haver a partir das categorias funcionais encontradas. Faremos isso com base nos aspectos sintáticos, semânticos e textual-interativos das ocorrências desse verbo em suas formas infinitiva e conjugada na terceira pessoa do presente do indicativo e do pretérito imperfeito (haver, há e havia), a partir das teses e dissertações que constituem o nosso *corpus*.

4.2.1 Verbo apresentacional

Conforme descrevemos anteriormente, procedemos à categorização do verbo haver a partir de uma função em que ele atua no texto de modo a apresentar referentes cujas ideias correspondem aos tópicos discursivos textualmente desenvolvidos. As ocorrências do verbo haver de que dispomos nesta análise foram retiradas das dissertações e teses que compõem o nosso *corpus*, textos do domínio acadêmico cujos propósitos são aprofundar as reflexões em torno de um tema específico com base nos métodos científicos de abordagem de todo e

qualquer fenômeno passível de análise, além de divulgar os resultados da produção do conhecimento científico. Situar esses propósitos é fundamental do ponto de vista interacional da nossa abordagem, bem como o perfil dos interlocutores, no caso autor e leitor presumido, ambos movidos por interesses intelectuais afins em uma dada área do conhecimento. O verbo haver, desse modo, enquanto verbo apresentacional, enquadra-se no texto, artefato real que entretém indivíduos em interação, de modo a possibilitar uma estratégia de introdução, retomada e antecipação de referentes, além de contribuir para o desenvolvimento dos diversos tópicos discursivos que o compõem.

Passaremos ao detalhamento analítico do modo como essas funções textual-interativas de apresentação de ideias foram percebidas em nosso *corpus*.

4.2.1.1 Apresentação de ideias centrais do texto

A estrutura argumental que nos propomos observar, [Vh + SN], tem por um de seus funcionamentos o de apresentar referentes que dizem respeito a tópicos discursivos do quadro temático central dos textos.

Os referentes introduzidos pelo verbo haver nessa função textual-interativa costumam figurar nas seções de Resumo e Introdução, mas também, de um modo particular, na seção de Considerações Finais. Eles se referem a ideias estritamente ligadas aos títulos dos trabalhos acadêmicos. A ocorrência [FIL-02], retirada de uma dissertação cujo título é “A definição de justiça na *República* de Platão”, ilustra esses aspectos, como indicado a seguir.

[FIL-02] O principal objetivo desta investigação é reconstruir os pressupostos que conferem à justiça a fórmula definicional “fazer o que lhe é próprio” (*Rep.* 443c– 444a *to ta hautou prattein*). Nossa leitura testa a hipótese de que **há**, de fato, **uma definição de justiça** na *República*, averiguando se a expressão “fazer o que lhe é próprio” cumpre, adequadamente, o papel definicional e explica o conteúdo moral dessa virtude. Concluímos que “fazer o que lhe é próprio” constitui uma definição de tipo paradigmática. (Resumo)

A estrutura argumental [Vh + SN] é constituída do verbo haver na sua forma conjugada da terceira pessoa do singular no presente do indicativo introduzindo o SN [uma definição de justiça], constituído de um determinante, um nome e um especificador que se liga ao nome por meio de uma preposição indicativa de propriedade ou natureza. No período em que ocorre, figura em uma oração subordinada substantiva completiva nominal porque completa o sentido do complemento da oração anterior, [hipótese]. O referente introduzido

pelo verbo haver, [uma definição de justiça], diz respeito a uma ideia central no quadro geral dos tópicos discursivos. Nesse trecho é possível destacar os objetivos da dissertação, bem como a hipótese na qual toda a argumentação se desenvolverá. Ambos, objetivo e hipótese, estão ligados ao sintagma nominal introduzido pelo verbo haver, [uma definição de justiça], motivo pelo qual entendemos que esse verbo pode relacionar-se textualmente aos elementos básicos que indicam a metodologia no texto acadêmico.

Nessa ocorrência, destacamos o modo como o verbo haver, na estrutura [Vh + SN], é um verbo-suporte na medida em que poderia, na ocorrência em análise, figurar como “*Nossa proposta testa a hipótese de que [se define, se declara, se elucida, se manifesta, se determina o conceito de justiça] na República de Platão...*”. O verbo haver, como postulamos, é um introdutor de referentes, não um predicador por excelência, que faz referência a um processo específico e que seleciona seus argumentos. É, nesse sentido, um operador de modalização, porque o uso do verbo haver é fruto de uma estratégia do autor. A afirmação realizada no texto de que [há, de fato, uma definição de justiça] é mais categórica porque, como o verbo tem esvaziado seus sentidos léxico-semânticos, o referente que ocupa a posição do sintagma nominal fica em destaque, em maior evidência. A escolha não foi de um verbo para agenciar o sintagma nominal, enquanto argumento da estrutura argumental. Não se escolheu necessariamente um predicador, mas um introdutor (ou apresentador).

A mesma lógica de funcionamento se verifica na ocorrência [GEO-18], em uma tese cujo título é “A expansão do setor sucroenergético no Oeste do Estado de São Paulo e os impactos para a agricultura familiar no Pontal do Paranapanema e no Extremo Noroeste Paulista”. O verbo haver apresenta uma ideia central do texto em trecho das Considerações Finais em que o objetivo é sintetizar o quadro geral dos tópicos discursivos centrais desenvolvidos ao longo de todo o texto, na medida em que se tiram conclusões a respeito deles, como se pode verificar na ocorrência:

[GEO-18] Nos casos dos agricultores familiares que concederam terras em arrendamento para grupos sucroenergéticos, **há a substituição da agricultura familiar** pelo agronegócio por meio da implantação de canaviais. Nesses casos, verificamos que a segunda hipótese apresentou validade no extremo Noroeste Paulista. Entretanto, a implantação de canaviais em áreas de agricultura familiar não é um fenômeno muito expressivo como inicialmente avaliado. (p. 299 – Considerações finais)

Há que se considerar que os propósitos de um texto em que se tecem as considerações

finais de uma pesquisa visam a formular conclusões ou constatações que redundam da argumentação desenvolvida durante o trabalho. Em [GEO-18], a grelha [Vh + SN] é constituída do verbo haver, na sua forma conjugada na terceira pessoa do singular do presente do indicativo, e do referente [substituição da agricultura familiar], formado por um nome mais um especificador introduzido por preposição. No período, a oração em que o verbo haver ocorre é a principal, sendo a anterior uma subordinada adverbial.

Ainda que seja o verbo da oração principal, haver introduz um nome que funciona como predicador, uma vez que diz respeito a um processo de deslocamento, o de substituir. Assim, tanto quanto na ocorrência [FIL-02], o verbo haver introduz um referente ligado ao quadro de temas centrais e que aparece, inclusive, no título da tese, [agricultura familiar]. No entanto, a ideia introduzida pelo verbo-suporte haver é a noção de substituir, ou seja, colocar um referente no lugar de outro. Desse modo, a utilização do verbo haver é, também, uma estratégia de modalização do autor que poderia optar por “*Nos casos dos agricultores familiares que concederam terras em arrendamento para grupos sucroenergéticos*, [substituiu-se, trocou-se, recolocou-se, permutou-se a agricultura familiar] *pelo agronegócio*”, mas preferiu a utilização de um apresentador de referentes na textualização da ideia para lhe empregar maior ênfase. Ainda, o verbo haver ancora uma ideia defendida em todo o trabalho, a de substituição de um modelo de agricultura por outro.

4.2.1.2 Apresentação de ideias secundárias do texto

A categoria do verbo haver cuja função é apresentar ideias secundárias do texto, a partir de nossas reflexões quando do exame de todas as ocorrências, é dividida em subcategorias. Isso porque a apresentação de ideias secundárias pelo verbo haver se manifesta textualmente de maneiras diversas. Todas as subcategorias contribuem para a construção do quadro referencial do texto de modo a desenvolver particularidades das ideias centrais. Passemos à demonstração dessas subcategorias a partir das ocorrências do nosso *corpus*.

4.2.1.2.1 Apresentação de ideia central do parágrafo

A lógica de funcionamento do verbo haver, na maneira como a vimos desenvolvendo, está ligada à construção da rede referencial do texto. Os verbos, enquanto processos que designam um estado de coisas, agenciam os participantes e as circunstâncias a partir dos quais

os enunciados se desenvolvem (HALLIDAY, 1985). O verbo-suporte haver, por sua vez, nas construções do tipo existencial, não concentra em si um processo específico, ele funciona como um introdutor de referentes por meio da estrutura [Vh + SN], contribuindo na construção do quadro referencial em que se desenvolvem os tópicos discursivos centrais e secundários do texto. Do mesmo modo como na apresentação de ideias centrais do texto, o verbo haver apresenta referentes que constroem ideias secundárias, restritas aos parágrafos em que se desenvolvem. Nesses casos, a estrutura argumental com o verbo mais SN costuma encabeçar os parágrafos e os referentes que introduzem particularidades do tema central, como podemos verificar a partir do exame da ocorrência [FIL-06]:

[FIL-06] **Há uma constante diferenciação**, na *República*, entre o que é a justiça na cidade (*en tês poleis*) e o que é em um único homem (*en heni anthropôi*), ou no “homem particular” (*eis hena hekaston/ eis ton hena/ en tôi heni, etc.*). É comum encontrar, na literatura secundária, a denominação “justiça política” ou “justiça social” para a primeira descrição da justiça, e “justiça individual”, ou “justiça psíquica” para a segunda. O contraste relevante para a passagem citada é entre a justiça em si mesma (*auto kath'hauto*) e a justiça “nas coisas” (*em autois*). (p. 15 – Introdução – nota de rodapé).

Como se pode observar, a estrutura [Vh + SN] encabeça o parágrafo e é constituída pelo verbo haver na sua forma conjugada na terceira pessoa do singular do presente do indicativo. O SN é formado por um determinante indefinido [uma], um modificador [constante] e um nome [diferenciação], o referente que expressa uma noção que, embora ligada à ideia principal da dissertação, visa a desenvolver uma particularidade. Cabe observar que essa ocorrência é um texto de nota de rodapé cujo propósito é apresentar algum tipo de comentário relacionado ao tema central, a partir de algum tipo de esclarecimento teórico, ou mesmo propondo a leitura de outros autores de referência. O referente introduzido, [diferenciação], diz respeito a uma noção que margeia o tópico discursivo central do texto, uma definição de justiça na *República*, de Platão, um tópico discursivo secundário que, na visão do autor, não mereceu figurar no corpo do texto, mas em nota de rodapé. Isso nos leva a considerar que a grelha [Vh + SN], nessa ocorrência, introduz um referente cuja ideia que representa, para o texto, é de importância secundária, não central.

A partir dessa ocorrência, também verificamos que o verbo haver é do tipo suporte e, logo, um operador modal do enunciado. A ideia expressa na estrutura [Vh + SN] poderia ser substituída no texto por um processo equivalente, como [Verifica-se, contata-se, nota-se,

observa-se etc. uma constante diferenciação] *na República...*, o que marca uma estratégia do autor em realçar a ideia expressa pelo referente, operando, desse modo, a partir do uso do verbo haver, um tipo de modalização do discurso.

As mesmas observações podem ser apontadas a partir do exame da ocorrência [GEO-23]:

[GEO-23] Em termos ambientais, ainda **há o crescente perigo** da diminuição do número de abelhas provocado pela pulverização aérea e a ampliação da quantidade de agrotóxicos aplicada nas lavouras. O inseto é fundamental para a polinização de diversos tipos de plantas e para o sucesso das colheitas. (p. 306 – Considerações finais).

A grelha [Vh + SN] é constituída pelo verbo haver na sua forma conjugada da terceira pessoa do singular do presente do indicativo, mais um determinante definido [o], um qualificador [constante] e um nome, o referente [perigo], que, por sua vez, é completado por três complementos nominais introduzidos por preposições [da diminuição do número de abelhas]. Embora o adjunto adverbial *Em termos ambientais* esteja no início da oração, podemos dizer que o referente introduzido pela estrutura argumental construída pelo verbo haver encabeça o parágrafo, sendo a noção de perigo da diminuição do número de abelhas a ideia apresentada que constitui ideia secundária do parágrafo, uma vez que não tem ligação direta com a ideia central da tese em questão, que fala sobre a expansão do setor sucroenergético no Oeste do Estado de São Paulo e os impactos para a agricultura familiar no Pontal do Paranapanema e no Extremo Noroeste Paulista.

O verbo-suporte haver, tendo esvaziados seus sentidos léxico-semânticos, age a partir da sua função de apresentar ideias, uma vez que textualmente poderia ser substituído por verbos que exprimissem processos de sentido equivalente, como [aumenta-se, ainda, o perigo] ou [eleva-se, ainda, o risco de diminuição...]. Desse modo, o uso do verbo haver é estratégia de modalização porque realça o nome por ele introduzido.

4.2.1.2.2 *Antecipação de ideias*

A função textual-interativa do verbo haver, de acordo com o resultado das nossas reflexões analíticas, está ligada à construção da rede referencial do texto, como já indicamos em várias passagens. Por um processo semelhante ao catafórico, percebemos que esse verbo apresenta ideias que ainda não foram mencionadas no texto, sem qualquer ancoragem nos referentes já introduzidos e desenvolvidos textualmente. Nesses casos, o verbo haver introduz os nomes que serão posteriormente categorizados, ou encapsulados (CAVALCANTE, 2012).

A ocorrência [FIL-05] oferece um exemplo bastante prototípico dessa função:

[FIL-05] Dessa primeira etapa (seção 2), concluímos que **há dois tipos de definição** que – se não chegam a ser endossados explicitamente –, ao menos, não estão excluídos: um tipo de definição “por gênero e espécie”, e outro, de definição “ostensiva”. (p. 15 - Introdução).

A estrutura [Vh + SN] é constituída do verbo haver na sua forma conjugada da terceira pessoa do singular do presente do indicativo. O verbo se soma a um numeral [dois] e a um nome [tipo], que, por sua vez, se liga por meio de uma preposição a outro nome, complemento do anterior, [definição]. O referente introduzido, [tipos de definição], é um item lexical de sentido mais genérico a ser especificado na continuidade do texto a partir de uma definição ou categorização: “por gênero e espécie” e “ostensiva”. Entendemos que esse processo é semelhante à anáfora prospectiva, uma vez que a introdução de referentes realizada pelo verbo haver nesses casos funciona a partir do mesmo princípio, que é apontar ou introduzir uma ideia ainda não desenvolvida e uma posterior definição ou categorização. A anáfora prospectiva costuma ser realizada a partir de pronomes de não-pessoa [ele] ou mostrativos que apontam para referentes ainda não introduzidos. Na catáfora se relacionam sempre um referente e uma definição a cerca desse referente, de modo que os operadores catafóricos apontem ou para um para outro.

A ocorrência [GEO-22] apresenta, por parte do verbo haver, uma construção da rede referencial a partir dessa mesma função, a de antecipar referentes para, posteriormente, categorizá-los:

[GEO-22] A participação de agricultores familiares no setor sucroenergética se dá sob os termos dos grupos sucroenergéticos, que fixam o preço e critérios para o arrendamento de terras. Do modo como o setor sucroenergético está organizado, **há somente duas formas possíveis** de apropriação dos dividendos gerados pela atividade sucroenergética, quais sejam: dispor de grande montante de capital ou de extensas áreas de terra. (p. 305 – Considerações finais).

A grelha sintática [Vh + SN], nesse caso, é constituída do verbo haver na sua forma conjugada da terceira pessoa do singular no presente do indicativo, mais modalizador [somente], numeral [duas], nome [formas] e um qualificador [possíveis]. Esse referente, tanto quanto na ocorrência [FIL-05], é representado por um nome cujo sentido lexical é mais genérico. Isso porque ele será especificado, ou encapsulado, numa definição mais categorial, nos períodos posteriores ao da oração em que ocorre o verbo haver. Assim, as “duas formas”

se categorizam em “dispondo de grande montante capital” ou “[dispondo] de extensas áreas de terra”.⁰

Vale ressaltar que, em ambas as ocorrências, o verbo *haver* é um verbo-suporte, uma vez que funciona para a introdução de ideias, tendo esvaziados seus sentidos lexicais de se referir a um processo específico. Nesses casos, o verbo introduz nomes de sentido mais genérico, como “tipo” ou “forma”, que serão delineados no texto de modo mais preciso posteriormente, na forma de categorização. O verbo *haver*, também nesse caso, funciona como uma estratégia do autor, no sentido de evidenciar as posteriores categorizações, uma vez que os sentidos dos nomes introduzidos são pouco específicos.

4.2.1.2.3 Retomada de ideias

Assim como antecipa referentes, a partir de um tipo de processo semelhante ao catafórico, o verbo *haver* pode retomar referentes, em processo semelhante ao anafórico, fazendo uma remissão para trás. Essa função textual-interativa está também ligada à construção de desenvolvimento da rede referencial dos tópicos discursivos no texto. Nesta função, assim como na anterior, de antecipar referentes, o verbo *haver*, enquanto verbo-suporte, introduz referentes e orienta a leitura, de modo a apontar para ideias que, na textualização, precisam ser reatualizadas para que o quadro geral dos tópicos discursivos se desenvolva e que o leitor proceda à coprodução dos sentidos do texto. Foram 03 (três) as ocorrências dessa função que encontramos no nosso *corpus*, das quais duas ocorrem com o verbo *haver* no pretérito perfeito. Assim, acreditamos que a ocorrência [FIL-09] pode ilustrar essa função textual-interativa de modo mais prototípico.

[FIL-09] Para tanto, percorremos a rota que passaremos a descrever na sequência. Em primeiro lugar (seção 2), revisitamos os diálogos socráticos, como o *Hípias Maior* e o *Eutífron*, encontrando, nas demandas por generalidade, igualdade e explicabilidade, os critérios socráticos para uma boa definição. Tais critérios exigem que o (*definiendum*) seja “um tipo de coisa” (*toiouto*) (2.2.1), “autodêntico” (*auto/tauto*) (2.2.2), e uma “essência” (2.2.3), e exigem, também, que o (*definiens*) seja uma fórmula universal (2.3.1), unívoca (2.3.2) e informativa (2.3.3). Dessa etapa, concluímos que **havia dois tipos de definição** que não foram completamente excluídos. Um deles abarcava a definição atingida por gênero e diferença; o outro envolvia uma definição ostensiva, que apontasse o caso exemplar da propriedade a ser definida. (p. 165 – Conclusão)

A grelha sintática [Vh + SN] é constituída do verbo haver na sua forma conjugada da terceira pessoa do singular do pretérito imperfeito do indicativo mais numeral [dois], nome de sentido lexical mais genérico [tipos] e outro nome que completa o sentido do anterior, ligando-se a ele a partir de preposição [de definição]. O verbo-suporte haver introduz um referente cuja ideia é expressa por nomes de sentido lexical mais genérico. No entanto, elas apontam para as definições mais específicas dessas ideias encapsuladas anteriormente no texto. Por isso, são tratadas na seção de Considerações Finais, em que, geralmente, se retomam ideias discutidas anteriormente. A forma pretérita do verbo também aponta para algo já mencionado. Nessa ocorrência, as definições são lembradas nas orações seguintes, no sentido de atualizar ideias longamente trabalhadas nos capítulos anteriores.

A utilização do verbo-suporte haver é, como nas funções anteriores, uma estratégia do autor para evidenciar os referentes retomados ou antecipados. O autor poderia proceder de modo diverso, como em *Desta etapa concluímos que [constava, abordava, tratava] dois tipos de definição não excludentes*. Assim, o uso do verbo-suporte haver se mostra como um tipo de modalização do enunciado, na medida em que visa a realçar as ideias dos referentes em detrimento dos processos verbais alternativos.

A retomada de ideias mencionadas anteriormente no texto também pode ser demonstrada por meio da ocorrência [GEO-11]:

[GEO-11] As atividades terciárias, em torno do turismo, constituíram-se como meio de sobrevivência de vários estratos da população e de acumulação capitalista do empresariado limenho e internacional, fortalecendo ainda mais a valorização da imagem da cidade. Portanto, **havia um receio** de que o *shopping center* afetasse a reputação de Cuzco, como cidade histórica e arqueológica. (p. 416 – Considerações finais).

A estrutura [Vh + SN] é formada pelo verbo haver na sua forma conjugada da terceira pessoa do singular do pretérito imperfeito do indicativo, mais determinante indefinido [um] e nome [receio], cuja ideia encapsula o sentido geral da proposição realizada nas orações anteriores. Esse mesmo receio figura como um dos objetivos da tese, que trata dos impactos causados pelo processo de urbanização por causa do progresso comercial à imagem de Cuzco como uma cidade histórica ou que tenha em seus patrimônios históricos a matéria de suas principais atividades econômicas e culturais. Mais uma vez, a estrutura existencial ocorre na seção de Considerações Finais, em que os objetivos iniciais precisam ser retomados de modo que se possa tirar algum tipo de conclusão sobre eles.

O verbo-suporte haver é operador modal que, na estrutura [Vh + SN], realça ou

evidencia o referente introduzido, [receio]. O autor poderia proceder a uma estratégia de evidenciar um processo por meio de algum outro verbo, como, por exemplo, “[Temia-se] *que o shopping center afetasse a reputação de Cuzco...*”. O processo de retomada de uma ideia trabalhada anteriormente no texto funciona, nesse sentido, de modo semelhante ao anafórico, que visa a atualizar os tópicos discursivos do quadro temático geral do texto.

4.2.1.2.4 Continuidade do tópico discursivo com argumento

O verbo *haver* pode desenvolver tópicos discursivos ao introduzir ideias que corroborem afirmações realizadas em orações anteriores. Isso é o que propomos chamar de continuidade do tópico discursivo (CAVALCANTE, 2012). Como a ideia introduzida age na forma de uma comprovação, dizemos ser uma ideia cujo propósito é argumentar. Os textos do domínio acadêmico que constituem o nosso *corpus*, dissertações e teses, argumentam em favor de uma hipótese, atualizando o conhecimento acumulado em uma dada área. A continuidade do tópico discursivo com e sem a apresentação de argumentos em textos dessa natureza constitui estratégia recorrente. Não por acaso essas funções constituem a maior parte das ocorrências nos textos que selecionamos para examinar. A ocorrência [HIS-03] mostra o modo como a estrutura argumental existencial com o verbo-suporte *haver* introduz argumentos comprovativos:

[HIS-03] Ou seja, ao mesmo tempo em que a criação artística é influenciada pelo momento histórico no qual o/a autor/a se insere, o texto literário também pode interferir na esfera pública, questionar valores, motivar ações – **há uma integração** entre arte e sociedade que o autor caracterizou como um “vasto sistema de influências recíprocas” (p. 28 - Introdução).

A estrutura [Vh + SN] é constituída do verbo *haver* na sua forma conjugada da terceira pessoa do singular do presente do indicativo, mais um determinante indefinido [uma] e um nome [integração] cuja ideia corrobora a tese de que “o texto literário também pode interferir na esfera pública”. A grelha sintática destacada faz parte de um período que busca explicar ou argumentar em favor da proposição realizada no período anterior. O verbo *haver*, também nesse caso, é suporte, uma vez que apenas introduz o referente comprovativo, o qual enfatiza em detrimento de um verbo que indique um processo equivalente, como no exemplo *O autor [integrou, uniu, relacionou, incorporou etc.] arte e sociedade, o que caracterizou como “um vasto sistema de influências recíprocas”*.

Entendemos como a continuação do tópico discursivo a introdução de uma ideia

argumentativa que vise a comprovar afirmações ou hipóteses aventadas em orações anteriores. A escolha do verbo haver para promover essa apresentação de ideia comprovativa é uma entre outras possibilidades, por isso esse verbo funciona também nessa função como operador modal do enunciado.

A ocorrência [GEO-01] oferece um exemplo novo de como essa função textual-interativa pode acontecer no texto:

[GEO-01] Fundamentamos a tese de que, embora haja tendências gerais de concentração econômica e de expansão geográfica de novos espaços comerciais, **há singularidades** associadas à cidade de Cuzco, decorrentes da história, da conformação arquitetônica e do sítio urbano, que influenciaram na localização e implantação do *Shopping Center Real Plaza*. (Resumo).

Também nesse caso o verbo-suporte haver introduz um referente cuja noção visa a comprovar uma afirmação anteriormente realizada. Na ocorrência, a grelha sintática [Vh + SN] é formada pelo verbo haver na sua forma conjugada da terceira pessoa do singular do presente do indicativo mais nome cujo referente tem sentido lexical mais genérico. A oração em que ocorre é subordinada substantiva completiva nominal constituindo a afirmação comprovativa da adverbial concessiva introduzida por [embora].

O verbo-suporte haver é modalizador também nessa ocorrência, uma vez que apenas introduz o argumento comprovativo da oração concessiva em que também há a ocorrência do verbo haver introduzindo referentes na sua forma conjugada de terceira pessoa do singular do presente do subjuntivo. Existe a estratégia de evidenciar o referente [singularidades] em detrimento do processo expresso por algum outro verbo, o que resultaria no enunciado “[...] *embora haja tendências gerais de concentração econômica e de expansão geográfica de novos espaços comerciais*, [associa-se] *à Cuzco certas singularidades...*”. Desse modo, como nas funções anteriores, o verbo-suporte haver é operador modal de enunciado e componente textual que age de modo a introduzir referentes cujas ideias comprovam afirmações ou hipóteses anteriores.

4.2.1.2.5 Continuidade do tópico discursivo sem argumento

As construções existenciais realizadas pelo verbo-suporte haver podem introduzir referentes cujos nomes se referem a ideias que desenvolvem os tópicos discursivos de um parágrafo. Isso pode ocorrer, como vimos, pela introdução de um argumento comprovativo ou

para apenas completar ideias desenvolvidas no texto do parágrafo. Nesses casos, a continuação dos tópicos discursivos acontece por meio da efetivação de alguma circunstância expressa por meio de orações adverbiais. O número de ocorrências dessa função é muito maior do que todas as outras, o que pode indicar que, de modo geral, as ideias introduzidas pelo verbo-suporte *haver* em textos do domínio acadêmico tendem a contribuir na textualização dos tópicos discursivos no escopo das ideias do parágrafo. Observemos esse comportamento a partir da ocorrência [FIL-12]:

[FIL-12] No entanto, conforme vimos, Schopenhauer teve também a consciência clara sobre os poderes da analogia, das suas limitações e do ponto a partir do qual elas degeneram 1532 e, certamente do fato de que por si somente uma analogia não pode conduzir a um resultado efetivo e a uma verdadeira filosofia. O que, então, garante o status de verdadeira filosofia para a analogia da vontade? Schopenhauer responde que, para além da consciência, não pode **haver certeza** IMEDIATA alguma. (p. 375 – Considerações finais)

A estrutura [Vh + SN] é formada pelo verbo *haver* na sua forma infinitiva mais o nome substantivo [certeza]. A construção sofre os efeitos do modificador [não] e da modalização exercida pelo verbo *poder*, que configura o enunciado a partir de uma modalidade que exprime uma permissão, ou “possibilidade deôntica” (NEVES, 2000, p. 62). Assim, tanto o verbo *poder* quanto o verbo *haver* modalizam, cada qual ao seu modo, o enunciado. O verbo *poder* por meio dessa permissão negada, e o verbo *haver* por ser verbo-suporte e agindo na oração como continuador do tópico discursivo por resposta. Isso porque a oração principal é constituída de um verbo *discendi* [responder], sendo o tópico discursivo da resposta o referente introduzido pelo verbo *haver*, [certeza IMEDIATA alguma].

Na ocorrência, o verbo *haver*, enquanto verbo suporte, realça a ideia expressa pelo referente que introduz em detrimento de uma outra possibilidade verbal. Diferentemente dos outros casos, a grelha sintática da construção existencial deve ser considerada junto do verbo modalizador *poder*. Assim, caso o autor se valesse de uma estratégia para realçar um processo em detrimento do referente, poderia proceder como no exemplo “*Schopenhauer responde que, para além da consciência, [não se concebe, não é possível existir, é inconcebível postular uma] certeza IMEDIATA*”.

A ocorrência [FIL-16] nos oferece outro bom exemplo de como essa função textual-interativa do verbo *haver* pode introduzir referentes que continuam o tópico discursivo de um parágrafo:

[FIL-16] Assim, ela pode “ir mais fundo no mistério” e guiar a pesquisa, a investigação e a reflexão até os níveis mais altos da experiência da descoberta, da significação e do ser e, ainda que Schopenhauer recuse o valor de demonstrabilidade apodítica, a analogia na filosofia da vontade conserva implicações importantes, ou seja, se na filosofia **não há isomorfismo estrutural** capaz de garantir o mais alto grau de certeza das conclusões de um raciocínio analógico, isso não quer dizer que a analogia não possua valor filosófico pleno. (p. 369 – Considerações Finais).

A ocorrência foi retirada de um texto presente na seção de Considerações Finais de uma dissertação. A estrutura [Vh + SN] é constituída do verbo haver na sua forma conjugada na terceira pessoal do singular do presente do indicativo mais o nome substantivo [isomorfismo] e um qualificador [estrutural], sendo toda a construção modificada pela partícula de negação [não]. Ainda que a oração em que a grelha sintática ocorra seja uma subordinada adverbial concessiva, o propósito de todo o enunciado no parágrafo é o de explicar o tópico discursivo. Isso pode ser observado pela utilização de conectores como “assim” e “ou seja”. Desse modo, o referente introduzido pelo verbo-suporte haver promove a continuação do tópico discursivo por explicação.

O verbo-suporte haver, enquanto operador modal do discurso, enfatiza o referente que introduz em detrimento de um processo expresso por algum outro verbo de valor equivalente e que coubesse de modo coerente no enunciado.

4.2.2 Verbo locativo ou temporal

Das ocorrências de que dispomos nos textos que constituem nosso *corpus*, verificamos, além da função textual-interativa mais geral de apresentação de ideias, funções ligadas à orientação dos leitores no espaço superficial da textualidade e para o referente dêitico de tempo transcorrido.

Quanto à função locativa, vale lembrar que ela constou em apenas uma ocorrência, o que não nos possibilita tirar conclusões sobre os aspectos formais e semânticos que regem essa função. No entanto, a ocorrência do verbo haver de que dispomos para essa função se mostrou, de certo modo, bastante emblemática, uma vez que a estrutura [Vh + SN], de fato, promove uma espécie de orientação direta do autor ao leitor quanto à localização de informações na superfície textual. Observemos:

[FIL-04] A passagem descreve a alma perfeitamente justa, resultando em uma *harmonia psíquica*⁴, a partir do princípio anunciado e repetido **há algumas linhas**, *ta hautou pratein*. Em poucas palavras, a justiça seria um “fazer o que lhe é próprio” (*to ta hautou pratein*) concernente a uma atividade interna. (p. 14 - Introdução).

A estrutura [Vh + SN] é constituída do verbo haver na sua forma conjugada da terceira pessoa do singular do presente do indicativo. Nesse caso, o verbo haver é também verbo-suporte, uma vez que a construção por ele realizada pode ser substituída por “*A passagem descreve a alma perfeitamente justa, resultando em uma harmonia psíquica⁴, a partir do princípio anunciado e repetido* [anteriormente, algumas linhas atrás]”. Configura-se, desse modo, também como operador de modalização, cujo efeito é situar a superfície textual com o sintagma nominal constituído de pronome indefinido [algumas] e nome [linhas]. Tanto é que, no período, a oração em que o verbo haver ocorre dentro de um adjunto adverbial de lugar. Por isso, essa função, como outras ligadas à apresentação de ideias, se assemelha ao processo anafórico de apontamento para referentes no texto, com a diferença de que a grelha [Vh + SN], nesse caso, não retoma uma ideia por meio de um procedimento de construção da rede referencial, como a substituição ou a repetição, mas a localiza superficialmente na textualidade ao se referir às linhas do texto.

No que diz respeito à função textual-interativa temporal, procedemos a uma compreensão do modo como a indicação de tempo transcorrido, nas ocorrências de que dispomos, participa da efetivação de efeitos na textualidade. Constatamos que, na estrutura [Vh + SN], o nome que ocupa a posição do SN em 04 (quatro) das 06 (seis) ocorrências é “tempo”, acompanhado por determinantes indefinidos, como “um”, “algum” ou “bastante”. As seções de Introdução e Considerações Finais, cada uma ao seu modo, ao desenvolverem as noções ligadas ao quadro temático geral, podem construir sequências textuais mais narrativas, até mesmo como estratégia de argumentação. Por isso, entendemos que essa categoria, por apontar um dos elementos que constituem o evento de comunicação, o tempo, age como operador de referência dêitica. Isso ocorre a partir da contribuição do verbo-suporte haver enquanto modalizador do enunciado. Observemos, como exemplo, a ocorrência [SOC-04]:

[SOC-04] Adiciona-se a isso, uma preferência por candidatos anti-*establishment*, como, por exemplo, Jair Bolsonaro, que, apesar de estar envolvido na política **há quase 30 anos**, levantava desde antes da campanha oficial à Presidência bandeiras de renovação, pureza, desprezo à política e anticorrupção. (p. 14 – Introdução).

A grelha sintática [Vh + SN] é constituída do verbo haver na sua forma conjugada da terceira pessoa do singular do presente do indicativo, mais um nome numeral [30], um modificador adverbial [quase] e um especificador [anos]. No período, completa o sentido da oração subordinada adverbial de concessão a partir de uma noção dêitica de tempo transcorrido, introduzido pelo verbo-suporte haver. Nessa ocorrência, a noção de tempo transcorrido da ideia de concessão introduzida por [apesar] efetiva a contradição entre os quase trinta anos de envolvimento na política e pretensão do hasteamento de “bandeiras de renovação e pureza” pelo mesmo político. Há, nesse sentido, uma atitude do autor em enfatizar a noção de tempo para passar a ideia de dubiedade e contradição por parte do político que constitui o tópico discursivo do parágrafo.

Há ocorrências em que a ideia de tempo transcorrido é usada para construir uma estratégia de argumentação ou justificativa de uma afirmação dita antes. Observemos a ocorrência [GEO-21]:

[GEO-21] A expansão canavieira tem alterado o perfil da agricultura no Oeste Paulista e nas duas regiões estudadas. Este processo e seus impactos têm sido estudados **há bastante tempo**. (p. 302 – Considerações finais)

A estrutura [Vh + SN] é constituída do verbo haver na sua forma conjugada da terceira pessoa do singular no presente do indicativo, mais um intensificador [bastante] e um nome [tempo]. No período, constitui oração subordinada adverbial temporal da oração principal “Este processo e seus impactos têm sido estudados”. Como parece ser da natureza da função textual-interativa do verbo haver, mais uma vez, funciona como verbo-suporte, dado que a construção em que ocorre poderia ser outra, como “ao longo dos últimos anos” ou “nos últimos anos”. Portanto, nesse caso, o verbo haver também age como modalizador do discurso, além de corroborar a afirmação dita previamente. O fato de os “processos e seus impactos” serem objeto de estudos “há bastante tempo”, de certa forma, justifica afirmação de que “A expansão canavieira tem alterado o perfil da agricultura no Oeste Paulista e nas duas regiões estudadas”.

4.3 SÍNTESE ANALÍTICA

Das nossas reflexões analíticas sobre o comportamento textual-interativo do verbo haver em construções existenciais a partir da grelha sintática [Vh + SN], foi possível constatar

que esse verbo funciona, de fato, como verbo-suporte (NEVES, 2000). Foram duas as razões que nos fizeram chegar a essa conclusão: (i) o verbo haver, nessa estrutura argumental, contribui para a construção da rede referencial ao introduzir referente cujos nomes estão ligados às ideias centrais e secundárias do texto; (ii) o emprego dessa estrutura é fruto de uma estratégia discursiva de modalização na escrita de textos do domínio acadêmico e dos referentes que introduzem em detrimento de algum processo expresso por um verbo de sentido equivalente.

A função mais emblemática da grelha sintática [Vh + SN] é a apresentação de referentes nos quais os sintagmas nominais representem ideias centrais ou secundárias do texto. A apresentação de ideias centrais ocorre, sobretudo, nas seções de Resumo e Introdução e costuma dialogar com referentes expressos no título do texto. Nas seções de conclusão, ocorrem por retomada, em um processo anafórico. Já a apresentação de ideias secundárias desenvolve tópicos discursivos restritos aos parágrafos.

É possível também depreender que as funções textual-interativas do verbo haver em textos acadêmicos se comportam a partir de um processo semelhante àqueles realizados pela anáfora e pela anáfora prospectiva porque apontam para referentes já mencionados ou a serem encapsulados ou definidos posteriormente. A retomada de ideias anteriormente desenvolvidas se dá, sobretudo, na seção de Considerações Finais, uma vez que um dos propósitos desse texto é tecer conclusões sobre o quadro geral temático de que trata todo o texto, bem como oferecer alternativas de resposta ao problema que encapsula os tópicos discursivos centrais do texto. Um processo semelhante ao anafórico prospectivo, por sua vez, ocorre a partir da introdução de referentes ainda não mencionados no texto, sem ancoragem com os tópicos discursivos já desenvolvidos, e que serão definidos ou categorizados nas orações posteriores.

Quando os nomes que ocupam a posição do SN na estrutura [Vh + SN] são itens lexicais de sentido mais genérico e funcionam como argumentos que comprovam afirmações ou hipóteses aventadas nas orações anteriores, propomos um tipo de função textual-interativa ligada ao desenvolvimento, ou continuidade, do tópico discursivo com argumento comprovativo. Do mesmo modo, a continuidade do tópico discursivo pode se dar, no parágrafo, a partir da introdução de referentes em períodos iniciados por orações subordinadas adverbiais, cujas circunstâncias são expressas a partir de operadores modais próprios do discurso argumentativo. Assim, existe a continuidade do tópico discursivo sem argumento por resposta, condição, concessão, conclusão etc.

As funções textual-interativas que propomos chamar de locativa e temporal não são totalmente diferentes daquelas ligadas à apresentação de ideias. Elas também estão ligadas a

processos de textualização. No caso da função locativa, a expressão [há algumas linhas] orienta o leitor para a materialidade do texto a partir de um tipo de apontamento espacial. De certo modo, também contribui para a retomada de ideias e, logo, para o desenvolvimento dos tópicos discursivos porque atualizam as ideias no sentido de guiar a interpretação dos leitores. Assim, é uma função textual-interativa porque atua no contrato de coprodução dos sentidos estabelecido entre autor e leitor.

Quanto à função textual-interativa temporal, acreditamos que ela não se restringe à mera indicação de tempo transcorrido, antes ajuda na argumentação do discurso presente no texto acadêmico porque costuma figurar como justificativa no empreendimento de algum tipo de trabalho. Desse modo, a estrutura [Vh + SN] é mais que uma oração adverbial de tempo no texto acadêmico, ela pode servir a propósitos outros no interior do discurso argumentativo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao tomar o texto como unidade de análise, esta pesquisa procurou construir um *corpus* em que o fenômeno linguístico alvo de nossas investigações pudesse ser observado a partir de suas funções textuais. No domínio acadêmico, os textos circulam entre indivíduos em busca de conhecer e divulgar saberes, consumir e compartilhar conhecimentos próprios de uma dada área. Nesses textos, exige-se de seus interlocutores um alto nível de proficiência na condução da argumentação, da apresentação e precisão de conceitos e no domínio da modalidade de referência da língua portuguesa. Assim, as reflexões aqui desenvolvidas sobre o verbo haver tiveram que ser consideradas nos limites desses propósitos e dessa modalidade de referência no seu registro escrito.

A estrutura [Vh + SN], no modo como a concebemos em nossa análise, introduz referentes e ideias de modo a atingir os objetivos comunicativos dos gêneros tese e dissertação. Foram 08 (oito) trabalhos nas áreas de Filosofia, Sociologia, História e Geografia, dos quais contabilizamos 56 (cinquenta e seis) ocorrências do verbo haver nas suas formas infinitiva e conjugada na terceira pessoa do presente e do pretérito imperfeito do indicativo (haver, há e havia). Após cumprirmos as etapas de coleta, observação e pré-análise, distribuímos os dados em categorias que pudessem ilustrar o funcionamento textual das ocorrências do verbo haver de que dispomos. Defendemos a ideia de que essas categorias representam as funções textual-interativas (NEVES, 2020) desse verbo porque nunca perdemos de vista o texto, seus propósitos, seus interlocutores e sua razão de ser em um dado domínio social.

Nossa análise procurou distribuir as ocorrências do verbo haver em categorias que pudessem representar o comportamento textual-interativo dessas construções verbais, no modo como contribuem para o processamento da textualidade. A partir da grelha sintática [Vh + SN], depreendemos um tipo de função ligada à apresentação de tópicos discursivos, a qual Castilho (2010) já observava. Em textos acadêmicos, essa estrutura apresenta as ideias que constroem a argumentação típica das teses e dissertações (BRASILEIRO, 2021). Percebemos uma função mais geral, aquela que, sobretudo nas seções de Resumo e Introdução, introduz os referentes cujos nomes estão ligados às ideias centrais dos textos. A essa função textual-interativa, liga-se uma outra muito semelhante, mas que introduz ideias secundárias ou que estão à margem do quadro geral dos tópicos discursivos centrais. Essa função pode se apresentar no texto a partir de funções mais específicas. Uma delas está ligada à apresentação

de ideias centrais do parágrafo, ou seja, a introdução de referentes cujas ideias se restringem aos limites de uma porção textual. Outras duas operam a partir de um processo semelhante ao anafórico e catafórico, porque retomam ideias já mencionadas ou antecipam a introdução de conceitos que ainda serão definidos e categorizados, os quais não estão ancorados nos tópicos discursivos já desenvolvidos. Há também as funções que dão continuidade aos tópicos discursivos. Isso se dá quando o verbo haver, a partir da estrutura [Vh + SN], apresenta um argumento comprovativo para afirmações anteriormente realizadas ou quando ocorre em orações introduzidas por operadores argumentativos que exprimam resposta, finalidade, concessão, conclusão etc.

Outra categoria mais geral diz respeito a uma função locativo-temporal, em que [Vh + SN] orienta os leitores na materialidade do texto a partir da expressão [há algumas linhas] com o intuito de atualizar as ideias já mencionadas. Podem também funcionar de modo a exprimir tempo decorrido, quando a grelha sintática com o verbo haver participa das estratégias textuais de argumentação, de modo que o tempo decorrido expresso faz operar ideias de contradição e justificativa.

Todas essas categorias funcionais acontecem a partir de um arranjo sintático no qual o verbo haver tem esvaziados seus sentidos léxico-semânticos e, com isso, acabam figurando na textualização como operadores modais da argumentação. Desse modo, nossas reflexões puderam demonstrar que esse verbo, a partir da estrutura [Vh + SN], entra no rol de verbos que Neves (2000) classificou como verbo-suporte. Isso porque, nesses casos, o verbo haver apresenta funções mais ligadas à introdução de referentes do que àquelas em que se exige um processo verbal para a construção da predicação. Essa mesma grelha sintática coloca em evidência o referente porque o introduz enquanto tópico discursivo. A opção, na escrita, pelo verbo haver para apresentar ideias é, portanto, uma estratégia de modalização, uma vez que o verbo desprovido de uma maior carga semântica não viabiliza a construção de um processo na predicação. Assim, o referente introduzido se evidencia em detrimento de um processo verbal que, a partir de outra estratégia discursiva, poderia expressar a mesma ideia.

Acreditamos haver trilhado um caminho ainda pouco iluminado no que diz respeito ao verbo haver e seus atuais usos no texto. As pesquisas que se seguirão após essas reflexões, ainda que não cheguem aos mesmos resultados, poderão propiciar o enriquecimento das discussões sobre processos verbais cujas funções estejam mais ligadas à construção da textualidade do que dos sentidos lexicais expressos na predicação. Esperamos também que se enriqueçam os estudos sobre as funções textual-interativas dos fenômenos linguísticos, aquelas que não estão unicamente presas à superfície textual, mas também aos seus propósitos

comunicativos, ao perfil dos interlocutores que os fazem serem artefatos sociais de um determinado domínio. Por fim, esperamos que a grelha sintática [Vh + SN] possa ser observada em textos de outros domínios, em outras esferas de comunicação e em outras modalidades de registro para que outras ideias, além das que aqui foram descritas, possam ser introduzidas por causa do verbo haver.

REFERÊNCIAS

- AZEREDO, José Carlos de. **Gramática Houaiss da língua portuguesa**. São Paulo: Publifolha, 2009.
- AVELAR, Juanito. Expressões de tempo decorrente com ter e haver na fala carioca. **Diadorim**. Rio de Janeiro, Vol. 08, p. 161-180, 2011.
- BAGNO, Marcos. **Gramática de bolso do português brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2013.
- BAKHTIN, Mikhail M. **Estética da criação verbal**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BECHARA, Evanildo. **Lições de português pela análise sintática**. 19. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014.
- BRASILEIRO, Ada Magaly Matias. **Como produzir textos acadêmicos e científicos**. São Paulo: Contexto, 2021.
- CASTILHO, Ataliba T. de. **Nova gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2010.
- CASTILHO, Ataliba T. de; ELIAS, Vanda Maria. **Pequena gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2016.
- CAVALCANTE, Mônica Magalhães. **Os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2012.
- CHISHMAN, Rove Luíza de Oliveira; ABREU, Débora Taís Batista de. (2014) Construções com verbo-suporte: propriedades gramaticais e discursivas. **Linha D'Água**, 27(1), p. 153-158. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2236-4242.v27i1p153-168>. Acesso em: 10 maio 2021.
- COSTA, Talita Araújo. **Usos e sentidos dos verbos *existir*, *haver* e *ter* na língua escrita e falada da cidade do Natal: uma análise funcionalista**. Pau dos Ferros, 2018. Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-Graduação em Letras) – Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, 2018.
- CUNHA, Maria Angélica Furtado; SOUZA, Maria Medianeira de. **Transitividade e seus contextos de uso**. São Paulo: Cortez, 2011.
- CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. 7. ed. Rio de Janeiro: Lexicon, 2017.
- DU BOIS, Jhon W. **Discourse and the ecology of grammar: strategy, grammaticization, and the locus**. Rice Symposium, MS, University of California: Santa Barbara, 1993.
- FRANCHI, Carlos; NEGRÃO, Esmeralda; VIOTTI, Evani. Sobre a gramática das orações impessoais com ter/haver. **DELTA**, São Paulo, v. 14, n.spe, p.00, 1998.
- GERALDI, João Wanderley (Org). **O texto na sala de aula**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2006.

GIVÓN, Talmy. **Functionalism and grammar**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1995.

HALLIDAY, Michel Alexander Kirkwood. **An Introduction to functional grammar**. London: Edward Arnold Publishers, 1985.

HALLIDAY, Michel Alexander Kirkwood; MATTHIESSEN, Christioan Matthias Ingemar Martin. **Introduction to functional grammar**. 3. ed. London: Arnold, 2004.

HAUY, Amini Boainain. **Gramática da Língua portuguesa padrão: com comentários e exemplários – Redigida conforme o novo acordo ortográfico**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014.

HILL, Susan S.; SOPPELSA, Betty F.; WEST, Gregory. K. Teaching ESL students to ride and write experimental research papers. **TESOL Quartely**, v. 16, n. 3, p. 333-347, 1982.

KOCH, Ingedore Vilaça. **Introdução à linguística textual: trajetória e grandes temas**. 2.ed. – São Paulo: Contexto, 2015.

KOCH, Ingedore Vilaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e escrever: estratégia de produção textual**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2010.

ROCHA LIMA, Costa Henrique da. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 49. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.

MACHADO, Anna Rachel; CRISTÓVÃO, Vera Lúcia Lopes. A construção de modelos didáticos de gêneros: aportes e questionamentos para o ensino de gêneros. **Revista Linguagem em (Dis)curso**, v. 6, número especial, set./dez./ 2006. Disponível em: <<http://www3.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/0603/09.htm>> Acesso em: 3 mar. 2021.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Linguística textual: o que é e como se faz**. São Paulo: Parábola, 2012.

MASCARENHAS, Sidnei Augusto. **Metodologia científica**. 2. ed. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2018.

MILSARK, Gary. **Existential sentences in English**. Tese de doutorado. Cambridge (MASS), 1974.

MOIA, Telmo. Expressões Temporais com Haver: Gramaticalização e Interpretação Semântica. *In*: COSTA, Armanda; FALÉ, Isabel; BARBOSA, Pilar (Eds.), **XXVI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística: Textos selecionados**. Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística, p. 401-419, 2011.

MOURA, Bismark Zanco. **Construções verbo-nominais no português: haver + nome predicante**. Rio de Janeiro, 2017. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2017.

MUNIZ-OLIVEIRA, Siderlene; BARRICELLI, Ermelinda. Uma análise do gênero dissertação de mestrado: o modelo didático. **Raído**, v. n. 6, p. 85-93, Dourados, MS, jul./dez. 2009.

NEVES, Herbertt. **Argumentatividade das palavras**: construção de aparato textual-interativo para o estudo do léxico e análise em textos do jornalismo recifense sobre as eleições de 2018. Universidade Federal de Pernambuco. Centro de Artes e Comunicação. Programa de Pós-Graduação em Letras: Recife, 2020.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Gramática funcional**: interação, discurso e texto. São Paulo: Contexto, 2018.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Texto e gramática**. São Paulo: Contexto, 2011.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Gramática de usos do português**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

OLIVEIRA, Adriana Afonsina de. **Estruturas com ‘ter’ e ‘haver’ em cartas de leitoras das revistas *Ragazza* e *Capricho***. Araraquara, 2017. Dissertação (Pós-Graduação Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – Campus Araraquara, 2017.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de O. **Manual de pesquisa em estudos linguísticos**. São Paulo: Parábola, 2019.

RAPOSO, Eduardo B. Paiva; NASCIMENTO, Maria Fernanda Bacelar; MOTA, Maria Antónia Coelho; SEGURA, Luísa; MENDES, Amália. (Orgs.). **Gramática do português**. Volume 1. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013.

SCHNEUWLY, Bernard. Genre et type de discours: considérations psychologiques et ontogénétiques. *In: Actes du Colloque de L’Université Charles-De-Gaule III*. Les interactions lecture-écrite. Neuchâtel. Peter Lang, 1994.